

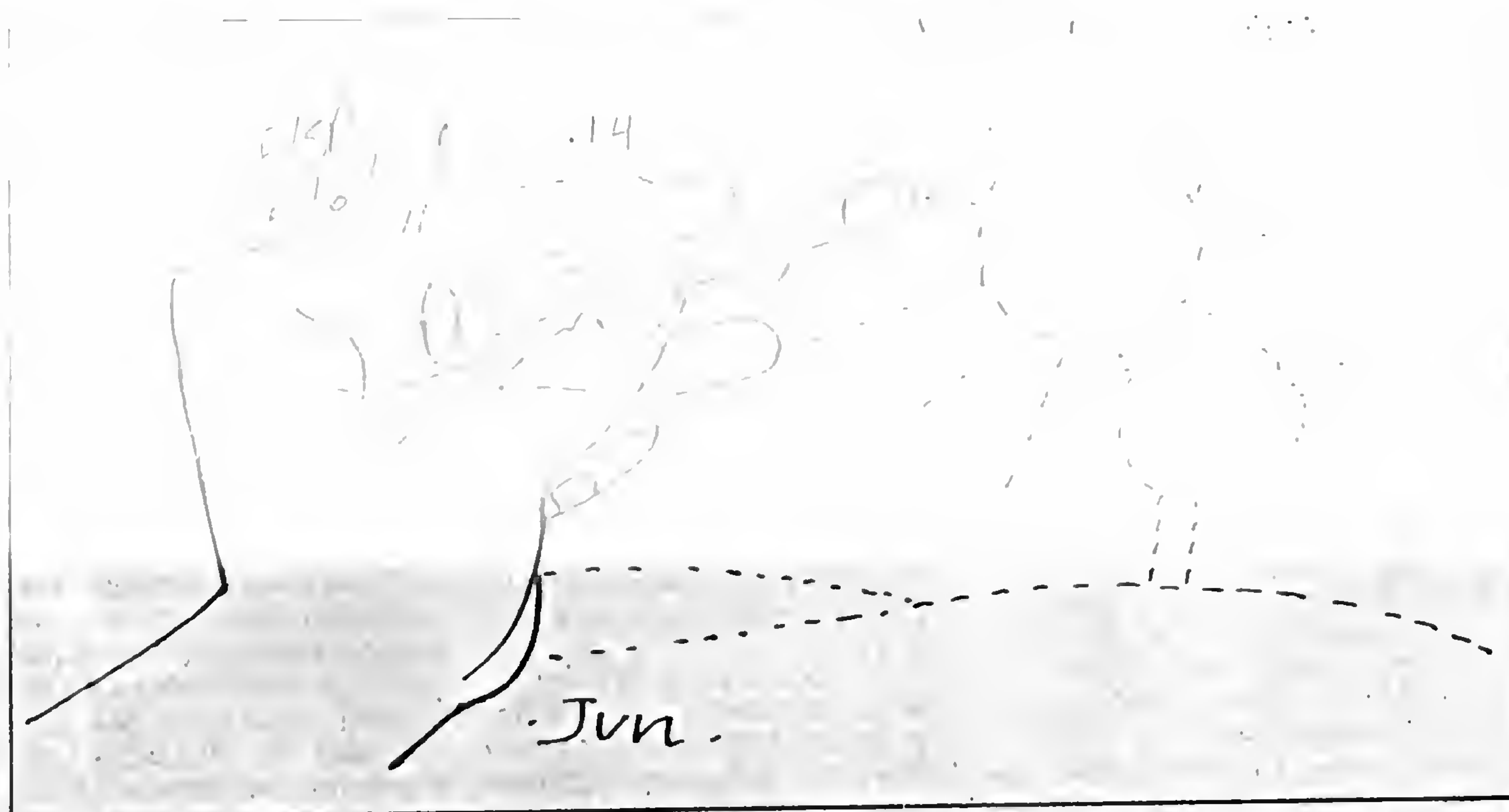
FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA PAULISTA
Data: 04, 06, 81
Pág. 16

Pasta n.º
N.º do recorte.....

Creches
FIC 416181 16
* O Senac, em colaboração com o Movimento em Defesa do Menor, realizará sábado e domingo um seminário sobre Creches no auditório do Seac à rua Dr. Vito Nova 228. O encontro, que consistirá de três painéis, incluirá os temas: "Sociedade Civil Hoje", "A Instituição e suas Alternativas"; e "Creche" a Melhor Solução?".



Movimento por Creches critica a Prefeitura

CATARINA ARIMATEIA

Mais de sessenta integrantes do Movimento de Luta por Creches reuniram-se, anteontem, na creche do Jardim Guarujá, zona Sul, Capital, para denunciar as precárias condições de funcionamento das 33 creches entregues nos últimos cinco meses, pelo prefeito Reinaldo de Barros. Elas protestaram, também, contra a forma pela qual serão escolhidas as novas diretoras dos estabelecimentos que, segundo afirmaram, serão nomeadas diretamente pelo prefeito, sem a participação da comunidade.

Nas creches visitadas, o grupo constatou inúmeras irregularidades, tais como: falta de preparo do terreno para a construção, o que impede a construção de área de lazer e traz problemas de acomodação dos prédios, já apresentando rachaduras; uso de materiais de baixa categoria para a construção e acabamento inadequado; faltam azulejos em cozinhas e banheiros e o piso é de cimento, em todas as creches; há vazamento de gás nos fogões; a instalação elétrica está com defeitos; as máquinas secadoras de roupa quebradas; há falta de alimentos para as crianças; de material de limpeza; ausência de medicamentos para primeiros socorros e total inexistência de materiais e brinquedos pedagógicos.

DENUNCIA

Quanto à falta de materiais pedagógicos, Conceição Santana, integrante do Movimento no bairro Figueira Grande, denunciou: "No mês de abril deste ano, a creche do Jardim Catanduva recebeu a visita do prefeito Reinaldo de Barros. No dia, o prefeito levou materiais pedagógicos, uniformes para os funcionários e crianças, além de brinquedos, pois seria feito um filme promocional. Toda a creche foi preparada para a filmagem, o que, depois, não aconteceu, os materiais, brinquedos e uniformes foram levados e não foram usados."

É a que falta de não ocorre novamente, foi a crítica do movimento e foi realizada uma reunião com as creches e solicitam a Prefeitura maior atenção quanto ao funcionamento dos estabelecimentos. O pequeno número de funcionários para cuidar das crianças também está preocupando as mulheres que participam do movimento. "De acordo com o manual de Programação Básica de creches da Coordenadoria do Bem-Estar Social, de 1980, o quadro de funcionários de uma creche de 120 crianças deve ser formado por 42 pessoas. No entanto, o quadro atual é de apenas trinta e a proposta do prefeito é de que, com este número de pessoas sejam atendidas 150 crianças por creche. Através das visitas que nós, do movimento, temos feito às creches, constatamos que, na verdade, o quadro de trinta funcionários não permite um atendimento adequado de crianças em número superior a noventa", afirmou Conceição.

MAIS CRECHES

Reinaldo de Barros, segundo disse Lurdes Vasconcelos, membro do Movimento, prometeu, em outubro de 1979 — quando ele atendeu o grupo pela primeira vez — a construção de 830 creches. "Agora, ele só fala em construir trezentas, um número insuficiente para abrigar as crianças que necessitam de creches", disse Conceição. "Consideramos que a creche é um direito da população e dia-a-dia cresce a necessidade de construí-las, uma vez que aumenta o número de mulheres que têm que trabalhar fora para prover o sustento da família, em virtude da alta do custo de vida e dos baixos salários recebidos pelos companheiros."

As integrantes do Movimento mostram-se, magoadas com recentes declarações do prefeito: "Ele diz que está oferecendo creches para a população, mas as creches só foram construídas por causa da nossa luta" — assinalou Lurdes. "Ele não pode falar que deu creches para nós. Nós lutamos por elas e, já que temos nossos direitos, pois pagamos impostos e taxas, ele só tem feito a obrigação dele."

Segundo Lurdes, há seis creches que estão prontas há mais de cinco meses e, até agora, não foram inauguradas. "Queremos que as creches do Jardim Klem, da Cidade Dutra, de Santa Edwiges, da Vila Nova Santo Amaro e dos parques Fernanda e Santo Antônio, sejam colocadas em funcionamento com a máxima urgência. A população precisa delas e nós não sabemos o que o prefeito está esperando para inaugurá-las", disse ela.

MAIOR PARTICIPAÇÃO

"Queremos que as creches sejam administradas por comissões de Movimento de Luta por Creches", declarou Conceição, assinalando que os membros do Movimento devem participar da seleção de funcionários. Estes, em sua opinião, devem ser do bairro em que a creche está instalada, pois é a criança que precisa para a população local. A nomeação de diretoras sem contato com a comunidade é rejeitada pelas mães, e o grupo, que querem novamente o sistema antigo de seleção. "A seleção de funcionários das seis primeiras creches, entre elas em Campo Limpo, contou com a nossa participação e fiscalização. Porém, a partir de dezembro de 1980, fomos impedidas de continuar participando", enfatizou.

De agora em diante — disseram — as seleções para as novas creches serão realizadas por nomeação (diretoras) e por testes (demais funcionários), que serão selecionados através de computador. Caberá diretamente ao prefeito a escolha dos funcionários, após a apresentação do resultado dos testes. "Se isso realmente acontecer, as creches serão simples órgãos do governo, funcionando a favor dele e não do povo", reclamou Conceição.

Neusa Santos, do Movimento, concluiu — "Se nós unirmos, vamos vencer esta luta. Queremos mais creches e que elas tenham uma maior participação nossa. Afinal, somos nós que, desde 1973, estamos reivindicando a construção delas".

*Seminário mostra
que SP precisa
de 1.500 creches*

A cidade de São Paulo precisaria de, pelo menos, 1.500 creches, afirmou Márcia Campos, presidente do Conselho das Sociedades Amigos de Bairro, durante o Seminário sobre Creches, promovido pelo Movimento de Defesa do Menor, que deverá terminar hoje ao meio-dia. O seminário conta com a participação da

Coordenadoria do Bem-Estar (Cobes), Senac e instituições particulares e iniciou ontem de manhã.

Segundo Márcia Campos, "as creches têm que ser construídas pelo poder público, mas a fiscalização de seu trabalho é de competência do povo".

O coordenador da Cobes, Wilson Quin-

tela Filho, informou que a Prefeitura construirá 300 creches até o final do próximo ano. Atualmente, disse, existem 68 funcionando, 64 em construção e 66 com projetos em andamento.

Lia Junqueira disse que hoje há "verdadeira confusão na administração das creches".

Jonas Felix Silva

Data 07/06/81

Pág. 1

Partida n.º

N.º do recorte

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *WAP DE TARDE*Data: *08/06/81*

Pág.

Pasta n.º

N.º do recorte

Cobes cuidará da saúde infantil nas creches

Um rigoroso acompanhamento e controle da saúde de todas as crianças que frequentam as creches mantidas pela Prefeitura, foi anunciado pelo coordenador do Bem Estar Social, Wilson Quintella Filho. Quintella informou que o controle da saúde das crianças matriculadas nas creches municipais integra uma série de novas normas introduzidas na Programação Básica de Creches, que entrarão em vigor a partir de hoje.

O controle médico, atingirá também as creches particulares que mantêm convênios com a Prefeitura. "Basicamente, o acompanhamento será feito através de fichas, tanto para funcionários como para as crianças matriculadas; relatórios mensais; cartas de encaminhamento médico e relatório de medicação, que integrará um gráfico individualizado, onde estará retratada a condição de saúde de cada criança". A implantação desse controle deverá se dar em dois meses, no caso das creches mantidas diretamente

pela Prefeitura, tendo sido dado um prazo maior às unidades conveniadas.

CIRURGIA DO ESÔFAGO

O prof. Agostinho Bettarello, presidente da Sociedade Brasileira de Gastrenterologia e Nutrição, fará os comentários do simpósio sobre "Cirurgia do aparelho digestivo" para o VIII Curso de Atualização em Cirurgia do Aparelho Digestivo (Gastrão), a ser aberto no dia 15 de julho, no Maksoud Plaza Hotel (SP). Nesse simpósio, que será no dia 17, às 14 horas, serão apresentados os temas: Esofagites: Fisiopatologia, dr. Bruno Zilberstein; Tratamento Cirúrgico das Esofagites não complicadas — prof. José Hilário (RJ) e Tratamento das Esofagites com estenoses — prof. Henrique Walter Pinotti. Às 16h15, o prof. Arrigo Rala proferirá conferência sobre "Técnicas de Restabelecimento do Trânsito após Esofagectomias", seguindo-se simpósio sobre "Tratamento do Megae-sôfago", com o seguinte programa: "Doenças Digestivas Associadas ao Megae-sôfago"

— dr. Walter Nilton Felix; "Dilatação Hidroestática" — dr. Léo Carlos de Hildebrand e Frisl; "Operação pela Técnica de Heller" — prof. Salomão Chalb; "Cardiomiectomia com plicatura" — prof. Germano Ellenbogen e "Esofagectomia subtotal" — prof. Henrique Walter Pinotti. Os comentários serão do prof. Hélio Barbosa (DF). Informações complementares e inscrições no Hospital das Clínicas (SP) — 2.ª Clínica Cirúrgica (9.º andar) ou pelo telefone: 282-8832.

DERMATOSES DO TRABALHO

A Fundacentro está realizando no período de 2 a 11 de junho, no horário das 19h30 às 22h30, o Curso de Dermatoses do Trabalho, destinado a médicos do trabalho. Esse curso será ministrado no Centro de Treinamento da entidade, na rua Mauro, 552, entre as Estações Saúde e São Judas do Metrô. Inscrições e informações na Alameda Barão de Limeira, 539 — Fones: 220-9822 r. 90 ou 578-3769.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *Folha de São Paulo*
Data *08/06/81*
Pág. *7*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

F/1 8/6/81
Debatida a falta de creches em São Paulo

O Movimento em Defesa do Menor promoveu, no fim de semana, um seminário sobre creches, no auditório do Senac, que contou com a participação de entidades assistenciais e comunitárias da Grande São Paulo. O novo secretário de Promoção Social de Campinas, Roberto Teles Sampaio, que participou dos

debates de ontem, afirmou que sua cidade tem mais creches do que toda a área metropolitana da Capital.

O seminário foi dividido em três painéis: "A sociedade civil hoje", "A instituição e suas alternativas" (ambos no sábado) e ontem, "Creche: a melhor solução?".

Limitação ao leite em pó

Um projeto de lei estabelecendo várias restrições à venda de leite em pó concentrado ou açucarado — de forma a evitar que se imponha como substituto do leite materno — foi ontem apresentado na Câmara dos Deputados por Álvaro Valle (PDS-RJ), o mesmo parlamentar que na semana passada propôs um programa nacional de distribuição de leite às gestantes e crianças, dos seis aos 36 meses de idade.

Álvaro Valle pretende que as embalagens de leite em pó, tragam uma inscrição, sob o título "aviso importante" salientando a superioridade do leite materno para a alimentação de crianças lactentes; e contenha também a advertência de que o produto não deve ser utilizado sem consulta a médico, enfermeiro, nutricionista ou assistente social.

A proposição proíbe ainda a publicidade com fins comerciais, pela imprensa, rádio, televisão ou qualquer veículo de comunicação, de leite em pó concentrado ou açucarado, de mamadeiras ou de qualquer outro produto ou utensílio que se destine a substituir o leite materno. O deputado Álvaro Valle assinala que seu projeto de lei inclui as recomendações do código internacional de comercialização dos substitutos do leite materno, aprovado em Genebra pela Organização Mundial de Saúde.

FEV 9/6/81

Gincana contribui para construção de creches

HELÔ CAPONI

A arrecadação de duas toneladas e meia de moedas, mais de cinco toneladas de jornal usado, 6.583 agasalhos, 2.471 sabonetes, 1.879 rolos de papel higiênico e 462 latas de óleo: este foi o saldo da gincana que os moradores do Itaim Bibi promoveram no domingo passado para contribuir à creche que a Paróquia de Santa Tereza de Jesus está implantando naquele bairro da zona Sul de São Paulo, para atendimento de filhos de trabalhadores, especialmente empregadas domésticas.

"A gincana teve também como objetivo o entrosamento comunitário das pessoas que integram os vários movimentos da paróquia. Reunimos jovens, velhos, crianças num dia de descontração, lazer e competição saudável", afirmou Dagoberto de Castro, membro da comissão organizadora.

De tudo o que foi arrecadado com a gincana, apenas os agasalhos não serão em benefício da creche. Serão enviados a Paracatu, a pedido do bispo daquela cidade mineira e distribuídos à população carente.

Para os participantes, foi um dia de festa. Unindo o útil ao agradável, cerca de quinhentas pessoas, distribuídas em seis escuderias, movimentaram o Itaim-Bibi, das sete às dezenove horas, a procura do cumprimento das 29 tarefas estabelecidas.

"A gincana serviu como testemunho vivo do que é ser Igreja: a mobilização e a confraternização das pessoas mostraram que a Igreja é um corpo vibrante" — afirmou Sidney Apocalipse, representante da escuderia Equipaço, vencedora da competição. Um dos mais animados, Sidney brincava a todo momento com os concorrentes lembrando um "slogan" publicitário: "Equipaço, mais do que uma equipe, uma equipe com aço".

A participação, entretanto, não ficou restrita aos integrantes das escuderias, como mostrou Nelson Marques, da equipe "Casa": "Os trabalhadores de uma construção civil tiraram a marmita do fogão à lenha e nos ajudaram a fazer o pão". É que uma das tarefas exigidas era a da apresentação do "maior pão". Como a chuva forte que calu no sábado impediu que a equipe colocasse em ação o plano de fabricação — tinham idealizado um forno com canaletas subterrâneas, cobertas por carvão em brasa — foi necessário pedir ajuda aos trabalhadores. "Eles não só emprestaram o fogão como ajudaram. Trabalhamos das sete da manhã até as seis da tarde assando dez quilos de massa. Iamos colocando o pão por uma das bocas do fogão e à medida em que assava empurrávamos fazendo com que saísse pelo outro lado, onde era escorado por madeira" — descreveu Nelson Marques.

O pão da escuderia "Casa" acabou medindo 10 metros e cinco centímetros, mas perdeu para o da equipe "Sol e Chuva", que apresentou um de 10 metros e 48 centímetros feito em um forno contínuo, de uma fábrica de arame.

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS

Com a realização da gincana, os moradores do Itaim-Bibi não só reviveram uma forma de lazer que começa a ser esquecida pelo paulistano, como manifestações e brincadeiras folclóricas. Entre elas, a disputa da "perna-de-pau", o realejo e a banda de música figuravam entre as tarefas a serem cumpridas.

Os "pernas-de-pau" tiveram que caminhar uma extensão de vinte metros, para fazer pontos para equipe. Com passos de bêbado, o representante da "Hair" quase não conseguiu vencer a prova. A segurança do "perna-de-pau" da escuderia "Sol e Chuva" mostrava que ele já não era mais amador. E o da "Construção" arrancou exclamações: "Que elegância!" Mas, no final, todos conseguiram caminhar os difíceis vinte metros, e foram recompensados pela explosão de alegria da torcida.

No final da tarde, os participantes da gincana, e até os moradores que se limitaram a assistir das janelas dos prédios, fizeram silêncio para ver três realejos, localizados com muita dificuldade pelas escuderias. Todos queriam ouvir as músicas, que, ao girar da manivela, o locador fazia ecoar pela rua Clodomiro Amazonas, em cuja quadra onde fica a Igreja foi fechada pelo DSV para maior segurança de todos. Cada realejo tocou uma música diferente, e o periquito manteve a tradição, "tirando a sorte".

Valdomiro de Souza, tocador de realejo há 21 anos, falou com tristeza sobre o fim deste instrumento. "Hoje quase não existe mais. Não deveria acabar, mas vai morrer logo". Com o mesmo realejo, trazido da Itália por seu bisavô, ele tenta, todos os fins de semana, retardar o fim do instrumento. "Tirando a sorte", ao som do "Sole mio", para as pessoas que frequentam o "Play-Center".

A banda de música também esteve presente à gincana, animando os participantes que chegavam para apresentar tarefas cumpridas. Cada equipe promoveu a vinda, em horário diferentes de uma "furiosa" como são chamadas as bandas nas cidades do Interior, e assim houve música ao vivo, durante todo o domingo.

De todas as tarefas, a mais difícil, segundo um representante da equipe "Woodstock", foi a de encontrar uma cabra ou bode. "Conseguimos achar em Taboão da Serra, com auxílio do rádio amador. Lá encontramos cabras e bodes, mas preferimos trazer a cabra, por causa do cheiro".

Bê, a cabra da "Equipaço" causou alguns problemas durante a viagem até o Itaim-Bibi. "Viemos em uma camionete e trouxemos junto o aeromodelo. Ela acabou se apaixonando pelo aeromodelo" — brincou, bem-humorado, Sidney Apocalipse.

SIDNEY Apocalipse

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *Folha São Paulo*
Data: *05/06/51*
Pág. *14*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

F-18 9/6/51
**Novas creches para
filhos de servidores**

O Fundo de Assistência Social do Palácio do Governo informou ontem que vai inaugurar, neste mês, mais três centros de convivência infantil, destinados a filhos de servidores de secretarias estaduais. Depois de amanhã, será entregue o primeiro, no Instituto de Cardiologia, que atenderá 47 crianças, com idades entre três meses a quatro anos, destinado a filhos de funcionários da Secretaria da Saúde.

O segundo, para filhos de funcionários da Secretaria da Agricultura, situa-se na rua Miguel Stefano, 3.900, e tem capacidade para 110 crianças, de três meses a seis anos. O último, também para filhos de servidores da Secretaria da Saúde, foi instalado no Hospital do Mandaqui.

“Uso político” das creches volta a debate

“As diretoras de creches que não concordarem em trabalhar como cabos eleitorais do prefeito Reinaldo de Barros, candidato a governador nas eleições de 82, poderão ser demitidas. Elas serão escolhidas pelo próprio prefeito e os demais funcionários farão um teste que será corrigido por computador e seus nomes, se aprovados, submetidos à apreciação do prefeito. Quem for inscrito no PDS ou estiver ligado à propaganda política do partido do governo, terá emprego garantido.”

A denúncia foi feita ontem por cerca de 60 representantes do Movimento de Luta por Creches de várias regiões de São Paulo que ocuparam uma das salas da Assembleia Legislativa para “discutir e procurar lutar para que estas medidas não sejam implantadas”. Para dirigir a reunião, foram escolhidos os deputados Sérgio dos Santos e Irma Passoni, ambos do PT.

AVALIAÇÃO

Os representantes do Movimento em cada região de São Paulo fizeram uma avaliação da situação em sua área, reivindicando maior participação de seus membros nas creches. Chegaram à conclusão, também, que “tão ou mais importante do que a luta inicial do Movimento para a construção de creches, estava a continuação do trabalho dentro das creches e a interação da comunidade no trabalho”. Por isto, criticaram duramente a “tentativa do prefeito e do coordenador da Cobes, Wilson Quintela Filho, de aceitarem pressões de políticos” para a contratação de funcionários “sem qualquer preparo e sem qualquer preocupação com os problemas e as lutas da população em cada bairro”.

Os integrantes do Movimento criticaram ainda a decisão de afastá-los da seleção do pessoal e concluíram que a mobilização em torno da construção de creches foi utilizada politicamente, para futura obtenção de votos.

PROPOSTAS

Os integrantes do Movimento de Luta por Creches decidiram, ao final da reunião, lutar para a aprovação do projeto em tramitação na Câmara, propondo que as diretoras das creches sejam nomeadas pela administração. Decidiram também tentar impedir que o prefeito assine um decreto extinguindo o concurso para seleção de funcionários e crie o sistema de testes a ser corrigido por computador.

Ao final da reunião, os participantes emitiram uma nota com suas ponderações, que também será enviada ao prefeito e marcaram para o dia 8 de julho uma concentração de todos os integrantes do Movimento diante do gabinete de Reinaldo de Barros, para “denunciar as arbitrariedades”.

Creche está pronta mas não é entregue

F/SP 13/06/81
A presidente do Clube de Mães do Parque Panamericano, Rosa de Godói, denunciou ontem que a creche construída no bairro pela Prefeitura está pronta há mais de um ano, mas não foi entregue até agora. Segundo ela, também os funcionários para a creche foram contratados desde que o prédio ficou pronto. A Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes) informou que a creche deveria ter sido inaugurada em março passado, o que não ocorreu por causa da necessidade de escorar um barranco no fundo do terreno, e que será entregue no mês que vem, dentro das programações do segundo aniversário da administração Reinaldo de Barros.

Quanto à questão de funcionários, a Cobes admitiu que eles estavam contratados, mas foram emprestados a uma creche particular — a Menino Jesus em Pirituba — que conseguiu firmar um convênio com a Prefeitura. Com a inauguração, esses funcionários deverão ser remanejados para a creche do Parque Panamericano.

ABANDONO

A creche — semi-abandonada e invadida por crianças do bairro — está totalmente equipada. O material de serviço está empilhado nos cantos. As portas estão trancadas, mas as lâmpadas de uma das salas estavam acesas ontem. A Cobes diz que funcionários vigiam o prédio, mas moradores do bairro, entretanto, afirmam que a creche está ocupada por uma família desabrigada.

Rosa de Godói alega que integrantes do Clube de Mães procuram, mensalmente a Coordenadoria do Bem-Estar Social, para cobrar a abertura da creche (a última visita foi no dia dois deste mês). A desculpa dada, segundo ela, foi sempre relacionada ao problema com o barranco. Só nesse último encontro com Wilson Quintela Filho, coordenador da Cobes, é que a promessa de inauguração no começo de julho foi feita.

A creche deverá ser inaugurada dentro de um lote de cerca de outras 30, e não se esconde, na coordenadoria, o cunho político dessa inauguração em massa. Quanto aos testes para contratação de funcionários para novas creches, o chefe de gabinete de Quintela Filho, José Roberto Maluf Mousali, informa que, dentro de 15 dias, será possível iniciar o recrutamento de pessoal para preencher as duas mil vagas oferecidas.

CENTRO COMUNITÁRIO

A Creche Municipal do Jardim Parque Panamericano tem uma área de 160 metros quadrados e servirá a 46 crianças de até três anos. O prédio foi construído inicialmente para servir de centro comunitário, mas o plano foi mudado, em vista da necessidade do bairro. O Clube de Mães da região de Pirituba-Perus encaminhou ao prefeito Reinaldo de Barros um abaixo-assinado pedindo a instalação de creches em vários bairros da área (que abrigariam, no total, 1.130 crianças).

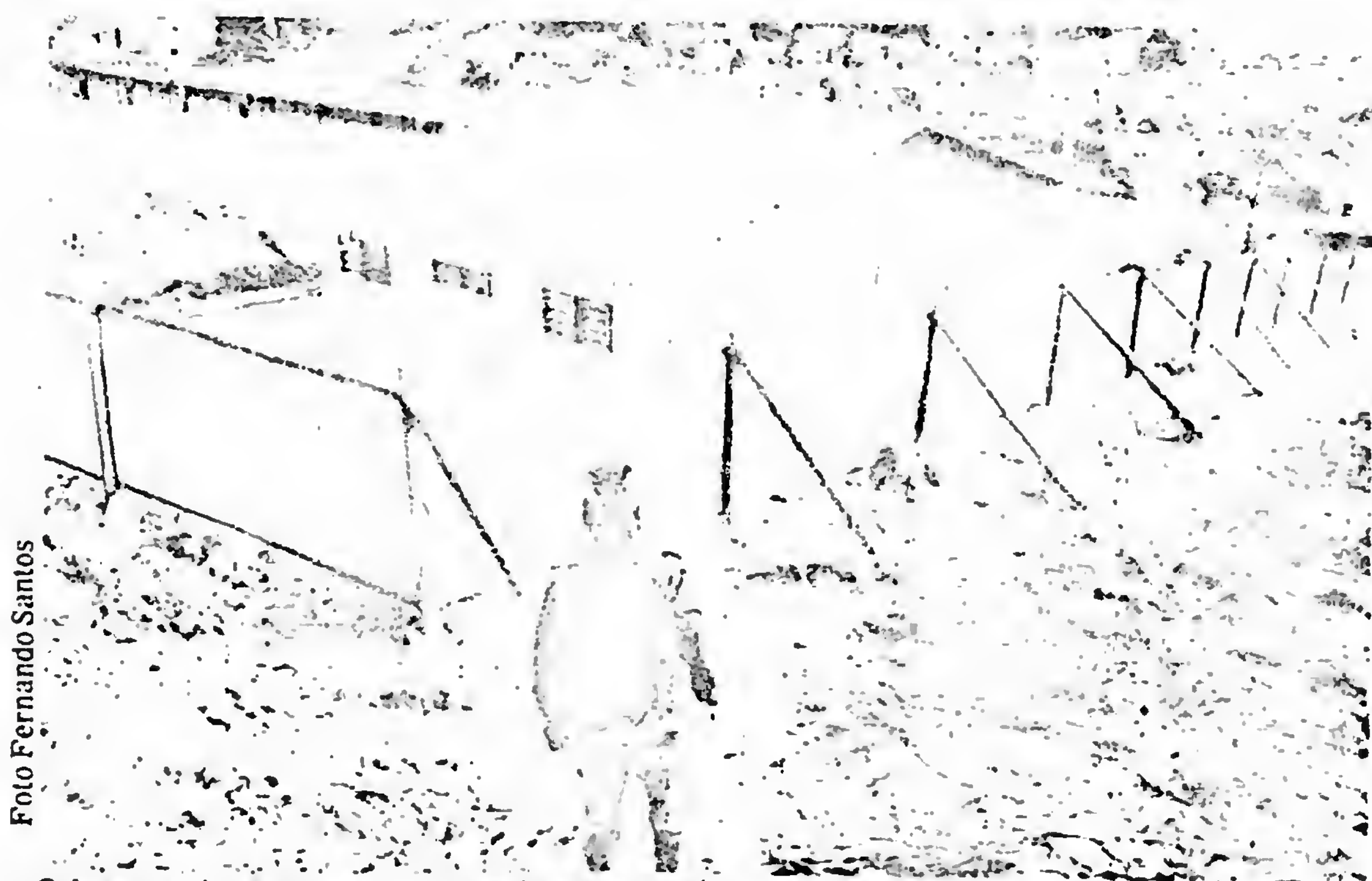


Foto Fernando Santos

Crianças do Parque Panamericano invadiram a creche.

Sexualidade, discussão a portas abertas

17/SP 14/6/81
IREDE CARDOSO

Nada melhor que mulheres falarem de sua própria sexualidade. E, mesmo assim, se as declarações forem individuais, assim deverão ser consideradas. Para se falar em sexualidade feminina de maneira mais ampla, evidentemente, é necessário que o pesquisador leve em consideração uma série de fatores importantes que são determinantes também do comportamento sexual. Caso contrário, teremos "sexólogos" pontificando sem fundamento, sobre assuntos que sequer entendem, passando e multiplicando informações falsas e trazendo sérios aborrecimentos para aqueles que costumam acreditar em tudo o que se lê sobre o assunto.

As feministas sempre cuidaram muito da discussão sobre a sexualidade, no intuito de fazer prevalecer a honesta informação sobre o comportamento feminino, desmistificando conclusões apressadas às quais chegam pesquisadores menos prudentes. E, para nossa alegria, a escritora e feminista Rose Marie Muraro comunicou-nos a conclusão de uma pesquisa que realizou com mulheres, levando em consideração as determinantes econômicas. Logo saberemos os resultados desse importante trabalho que fará cair por terra muitas falsidades que vêm sendo publicadas sobre o comportamento sexual feminino.

O que a classe média vem fazendo, com relação à sexualidade feminina, de modo geral, pode ser considerado um verdadeiro desastre: supõe-se que a mulher operária, a mulher da periferia, não se preocupa com a sexualidade. Para elas, a classe média considera como maior reivindicação, a comida mas para os que se preoocupam em conhecer de perto a realidade e não fazem projeções falsas, as necessidades afetivas e sexuais da mulher operária, da mulher pobre, são uma constante (— o que nos parece óbvio) sempre colocadas em suas discussões de grupo. Basta ver, para quem não se reúne com as mulheres operárias, as cenas do filme de Susana Amaral, "Nossa Vida, Nossa Luta" por exemplo. Mulheres preocupadas com a comunidade, sim, com a sobrevivência evidentemente mas não castradas.

A classe média costuma universalizar seus valores e daí as falsas concepções políticas que crescem, especialmente dentro de certas esquerdas. Da direita, não queremos perder espaço para falar sobre sua ação repressiva. Muitos crêem que ao povo só interessa pão. E os "criativos" acrescentam o circo. No entanto, quando as mulheres se queixam de que manter relações sexuais com o companheiro, depois de dez horas de trabalho exaustivo (e mais as tarefas domésticas) é no mínimo, penoso, os pensadores mais ligados à população começam a encarar a sexualidade de forma diferente.

Evidentemente todas as questões ligadas à vida diária das pessoas, às condições econômicas, à história familiar, entre outros fatores, são os indícios que nos levam a compreender melhor o comportamento sexual.

Jornal: FOLHA DE SÃO PAULO

Data: 14/06/1981

Pág. 49

Pasta n.º

N.º do recorte 0905

Querer generalizar, a partir de observações empíricas obtidas em consultório, é, realmente, uma temeridade que vem sendo praticada sem o menor cuidado por nomes até famosos. Freud, com todos os méritos que teve e tem — e todos os deméritos — cometeu o mesmo erro. Como é que se pode, mais de cem anos depois, continuar a generalizar de forma universal, sobre qualquer tipo de comportamento, como se o homem ou a mulher fossem seres abstratos, não influenciáveis pelas circunstâncias culturais e históricas que os cercam durante toda a vida, inclusive antes do nascimento?

Com relação à mulher, o fato é ainda mais grave. Poucas são as informações rigorosas de que dispomos mas as que existem, a partir de pesquisas, já nos dão algumas certezas importantes. Uma delas é a de que os comportamentos sexuais diferem muito de grupos para grupos e isso devido a uma série de questões. Além do trabalho de Rose Marie Muraro — que será em breve publicado — temos o livro de Shere Hite, o qual, em que pesem algumas restrições sobre o rigor científico de seu trabalho, trouxe-nos dados interessantes sobre a sexualidade feminina. Agora, Hite tratou do comportamento sexual masculino, fazendo extensíssimo trabalho, pesquisando mais de cinco mil homens de treze a noventa anos e o resultado foi um alentado volume de mais de mil páginas. O "bom" mesmo é verificar que, até o momento, há uma barreira muito grande entre homens e mulheres, que os impede de se conhecerem adequadamente. "Bom" porque, dessa forma, os caminhos estão abertos para a nossa criatividade, para a nossa solução e elaboração de relacionamento a partir de profunda consulta a nós mesmas. Lembro-me de uma companheira que se atormentava com seu relacionamento sexual, sem se deter para perguntar-se o que sentia. Bombardeada por um tipo de propaganda superficial, ela acreditava que uma verdadeira mulher "tinha" que ser "sensual", "atraente", "ativa" etc. Levou anos para chegar a uma madura tranquilidade sobre o que desejava, de fato.

A esquizofrenia a que nos leva a divisão do "quem sou" para "o que querem que eu seja" tem levado muitas mulheres a sofrerem males físicos ou mentais desnecessários. Para a mulher que "se pensa", convém ler criticamente todas as mensagens que nos chegam e checar, com sinceridade, tudo isso com aquilo que sentimos. Discutir, debater, "dialogar", consigo própria é uma excelente medida para não "enlouquecer" no embate das informações cruzadas que nos chegam de todos os meios de comunicação. E, sobretudo, nunca deixar que falem por nós. Nosso direito maior é, sobretudo, falar e reivindicar o que, de fato, nos parece um bem. Mesmo que isso possa escandalizar os que se acostumaram com um triste conformismo eunuco.

Medicina

R15

E. L. A. p. 57 14/6/81
Relação entre o leite materno e infecção

O problema das diarreias em crianças é bastante grande não só pela gravidade deste quadro mas também pela quantidade de crianças atingidas anualmente. Assim, estatísticas mostram que nos países em desenvolvimento ocorre a cada ano aproximadamente 500 milhões de casos de diarreia em crianças sendo que em torno de 20 milhões de casos fatais. Alguns casos são tratados com sucesso por reidratação oral, pois a etiologia pode ser por exemplo um rotavírus ou uma bactéria. No entanto sabe-se que este tipo de doença pode ser prevenido se as condições de saneamento básico forem adequadas. Dessa forma, se a ingestão de água for modificada, isto é, a água não estiver contaminada, muitos casos de diarreia serão sem dúvida evitados. Um grupo de pesquisadores em Gambia notou que a associação de água não tratada com falta de higiene corporal e promiscuidade fazia com que as crianças ingerissem grande quantidade de bactérias e outros microorganismos junto com a sua alimentação. Por outro lado, Mata e colaboradores em trabalho realizado na América Latina verificou que era menor a incidência de infecções do trato digestivo em crianças que se alimentavam com leite materno. Muito provavelmente estas crianças ingeriam uma quantidade menor de bactérias e o leite materno tem um poder bactericida comprovado; desta forma, a presença desse leite em trato digestivo deve tê-lo protegido da invasão bacteriana.

A amamentação é extremamente importante e as fêmeas de todas as espécies não privam seus filhotes deste tipo de alimentação, pois desta forma eles ficam protegidos momentaneamente de muitos problemas. Assim, o bezerro ou o porquinho recém-nascido, se privados do colostro (primeiro líquido segregado pela glândula mamária depois do parto), tem grande chance de adquirir diarreia por vírus ou bactéria. No ser humano a amamentação também é extremamente importante e o leite materno tem sido estudado exaustivamente. Dessa forma, sabe-se hoje que o leite materno apresenta em sua composição uma substância chamada lactoferrina e que é uma proteína com ligação férrea. Sabe-se que na presença dessa substância algumas bactérias são inativadas princi-

palmente pelo ferro aí existente. Dessa maneira, a lactoferrina pode impedir a multiplicação de certas bactérias como, por exemplo, algumas cepas de *Escherichia coli*. O leite materno apresenta ainda em sua composição anticorpos secretórios da classe IgA (anticorpos secretados por mucosa e que são importantes na proteção dessas mucosas e de todo organismo contra determinado tipo de infecções), que atua diretamente contra determinadas cepas de *E. coli*. Há ainda a possibilidade de que exista um efeito sinérgico entre a presença de lactoferrina e da IgA secretória, aumentando assim a propriedade de inibir o crescimento ou impedir a multiplicação das bactérias.

Um aspecto curioso e interessante a ser lembrado é que, apesar das propriedades bactericidas do leite materno, e existem provas disso, não existem evidências conclusivas de que essas propriedades possam ser correlacionadas com a proteção da criança contra a infecção. Isto é, não se conseguiu correlacionar efeito bactericida com proteção, e alguns concluem que a proteção talvez ocorra do ponto de vista nutricional ou em relação ao pH do intestino modificando-lhe a flora. A maioria dos estudiosos defende o leite materno e cita alguns outros produtos encontrados no leite e que de uma certa forma iriam proteger o indivíduo de infecções. Por exemplo, já foi verificada a presença de anticorpos contra rotavírus e outras espécies de vírus, bem como a presença de interferon, além de uma infinidade de outros anticorpos contra diversos microorganismos. Alguns grupos mais entusiásticos acreditam que o leite materno confere proteção contra uma afecção bastante comum em crianças pequenas qual seja a bronquiolite e justificam essa hipótese dizendo que as crianças aspiram grande quantidade de leite durante a amamentação e que este leite aspirado é que iria conferir proteção.

As idéias ainda são controversas e se a proteção é grande ou pequena depende muito do enfoque do pesquisador, mas todos concordam que o leite materno tem propriedades incomparáveis e que conferem uma certa proteção ao recém-nascido. Portanto, o leite materno ainda é o melhor alimento, para o recém-nascido.

Pq. Pan-Americano terá creche em julho



O coordenador da Cobes, Wilson Quintela Filho, inaugurou o Centro Comunitário

Ao inaugurar, ontem, o Centro Comunitário do conjunto habitacional Promorar, em Vila Maria, o titular da Coordenação do Bem-Estar Social — Cobes, Wilson Quintela Filho, informou que a creche construída pela Prefeitura no Parque Pan-Americano será entregue à população do bairro na primeira quinzena do próximo mês.

Na semana passada, os moradores do Parque Pan-Americano denunciaram que a creche estava pronta há mais de um ano, sem poder ser utilizada, porque a Prefeitura não a inaugurava. Quintela disse, ontem, que a obra não foi entregue à população na época, porque um barranco no fundo do terreno corria o risco de desmoronamento, representando perigo às crianças que frequentariam a unidade.

Explicou que um muro de arrimo está sendo construído junto ao barranco, obra que estará concluída na primeira quinzena de julho, quando a creche poderá ser inaugurada. Quintela confirmou, ainda,

conforme haviam denunciado os moradores, que a Cobes já havia contratado inclusive funcionários para trabalhar na unidade. Entretanto, segundo explicou, esses funcionários foram remanejados para a creche Menino Jesus, em Pirituba, enquanto aguardam a conclusão do muro de arrimo. Eles serão transferidos novamente para o Parque Pan-Americano, com a inauguração da creche.

CENTRO COMUNITARIO

Wilson Quintela Filho acompanhava, ontem, em Vila Maria, o ministro Mário Andreazza, do Interior, e o prefeito Reinaldo de Barros que, pouco antes, em visita ao conjunto habitacional da Cohab, em Itaquera, assinaram contrato no valor de sete milhões de cruzeiros para a canalização de córregos e implantação de avenidas na periferia da cidade.

Há cerca de um ano e meio o ministro Mário Andreazza esteve no mesmo local, em Vila

Maria, inaugurando o conjunto habitacional Promorar para os favelados. Na época, os moradores rejeitavam a ideia de mudar para as novas casas, pois os barracos onde moravam nas favelas próximas eram maiores.

Cada casa do conjunto tem um cômodo com 28 metros quadrados e um pequeno banheiro do lado de fora. Ontem, durante a inauguração do centro comunitário, alguns moradores continuavam a reclamar da falta de espaço, mas diziam-se compensados com o privilégio de ter água e luz instalados, o que não dispunham nas favelas.

Com a inauguração do centro comunitário, que tem em seu terreno uma quadra de esportes, os moradores acreditam que poderão reunir-se com maior frequência para discutir seus problemas. Entretanto, para alguns, a possibilidade de utilizar a quadra de esportes e a sede do centro, para organizar grandes festas, é mais atraente que fazer reuniões.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA PAULISTA*
Data: *16/06/51*
Pág. *1*

Pasta n.º
N.º do recorte

Prefeitura diz

FISP 16/06/51
**que a creche
abre em julho**

Depois de várias reclamações dos moradores, a Prefeitura anunciou ontem que a creche construída no Parque Panamericano será entregue na primeira quinzena de julho. A informação foi dada pelo coordenador do Bem-Estar Social, Wilson Quintela Filho.

DENÚNCIA

Na semana passada, os moradores denunciaram que a creche estava pronta há mais de um ano, sem poder ser utilizada porque a Prefeitura não a inaugurava. Ontem, Quintela Filho voltou a explicar a demora como decorrente da falta de um muro de arrimo, nos fundos do terreno, onde um barranco ameaçava desabar. O muro está em construção e ficará pronto nas próximas semanas, permitindo a inauguração da creche em julho.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal *ESP 8/8/81*
Data *18/06/81*
Pág. *—*

Pasta n.º
N.º do recorte.....

Até agosto, 30
ESP 18/06/81
novas creches

Até agosto a Prefeitura deverá inaugurar cerca de 30 creches, distribuídas por diversos bairros da periferia da cidade. A informação foi dada por Wilson Quintela, da Coordenadoria do Bem-Estar Social, na visita que fez esta semana ao Jardim São Nicolau. O coordenador foi chamado pela associação dos moradores do bairro para explicar por que a creche, concluída, ainda está fechada.

Segundo a Cebes, para que a creche possa entrar em funcionamento falta apenas a contratação do pessoal. Com capacidade para 150 crianças, essa unidade precisará de mais de 30 funcionários, entre diretora, professora de educação artística e atendentes. Cada uma das novas creches custou à Prefeitura cerca de 25 milhões de cruzeiros, recebeu Cr\$ 1,5 milhão em equipamentos e investirá aproximadamente 5 mil cruzeiros mensais por criança.

No programa da Prefeitura estão previstas também a inauguração de cinco creches em Campo Limpo, uma em Itaquera, três em Guaianases, quatro na região de Pirituba—Perus, cinco em Santo Amaro e mais 13 distribuídas pelas regionais do Butantã, Ipiranga, Mooca, Penha e Vila Prudente. A capacidade dessas creches varia de 70 e 120 crianças, sendo bem maiores que as anteriormente construídas, com apenas 46 vagas por unidades.

Atualmente, 40% da população do município é formada de crianças e adolescentes, sendo que pelo menos 500 mil estão na faixa de zero a seis anos, provenientes de famílias que recebem até cinco salários mínimos. Hoje existem 68 creches da Prefeitura, 24 conveniadas e 126 particulares, oferecendo um total de 19.008 vagas, número ainda distante do necessário.

MOVIMENTOS POPULARES

Equipe da Região Itapecerica

Durante todos estes anos o movimento popular tem se caracterizado por uma política referente às autoridades constituídas.

Se pararmos um pouco para pensar, veremos que o povo durante estes anos vem se organizando por melhores condições de vida. Tivemos lutas por: creches, água, legalização de terrenos, escola, carrestia, posto de saúde, asfalto, luz, esgoto, hospital. Todos estes movimentos têm sido independentes ao menos em relação aos órgãos governamentais, o que num primeiro momento fez com que surgissem lideranças autênticas. E o que fez a Igreja popular diante desta mobilização. A resposta viria de imediato; ajudou, incentivou, cresceu junto, buscou um caminho lúcido através das Comunidades Eclesiais de Base; a Igreja ganhou vida nova. É preciso perceber que houve muitos erros, por falta de uma experiência; aconteceram e

acontecem vacilações de engajamento, seja por causa dos grupos políticos organizados nos movimentos, ou seja por um certo purismo político em não perceber quem é quem no movimento popular, imediatamente se afastando da luta. Erro grave este, porque quem sai na chuva, tem que se molhar; agora se tiver um guarda-chuva, sempre é bom.

Hoje começam a se dissipar as dúvidas em relação aos que atuam dentro dos movimentos.

1.o) Aqueles que atuam dentro dos movimentos simplesmente preocupados em espalhar a sua ideologia, sem o mínimo de respeito pelo crescimento popular, colocando os interesses do partido acima dos interesses populares, traindo inclusive os princípios básicos da luta dos trabalhadores no mundo.

2.o) Aqueles que atuam dentro dos movimentos, preocupados com as posições pessoais, em sobresair nas lutas e colocar o movi-

mento a reboque, exercendo um paternalismo que só vem atrasar o crescimento da consciência do povo.

3.o) Aqueles que atuam dentro dos movimentos, num profundo sentido de respeito, não queimando etapas e nem acreditando num imediatismo, nem em promoção pessoal e nem em disseminação de idéias prontas e modelos preestabelecidos. São aqueles que muitas vezes encontram dificuldades na luta; mas o desejo de estar ao lado do povo, crescendo junto e se despojando de qualquer preconceito, é muito maior e faz com que a luta encontre um ponto de equilíbrio.

Agora é preciso dizer que vivemos 17 anos debaixo das amarras, num regime autoritário onde discutimos muito pouco as divergências, que muitas vezes são de métodos, outras vezes são de conteúdo ideológico. Aparentemente estamos todos unidos em uma uni-

ca posição. Hoje as divergências tornam-se saudáveis para que todos encontrem o caminho.

Hoje a questão principal não são mais divergências partidárias e sim um estudo sobre a mudança do papel do Estado ou seja (PMSP Cobes, EMURB, Secret. Saúde, Gover. integração) em relação ao movimento popular. Antigamente as autoridades entravam em conflito com os movimentos, hoje procura descobrir aqueles companheiros de luta que ainda não estão firmes e através de favores pessoais compram companheiros e lançam entre nós, isto sim, uma divisão séria. E corre se o risco ainda de muitas lideranças que não se vendem, mas que começam a achar os órgãos oficiais, através de seus representantes, todos muito bonzinhos. É preciso não ter ilusões e reconhecer que o que está em jogo são posições de classe, antagônicas, e não devemos nos contentar com migalhas. Chega de populismo.

Domal. C. S. 10/11/81
Data 12/11/81
Pag. 3

Para n.º
N.º do recorte

AMOR, por enquanto apenas uma (boa) idéia

José Ribeiro, morador de Vila Madalena, divulgou há quase três meses, através da "Gazeta de Pinheiros", sua ideia de criar a "Amor — Associação Maternal, Orientação e Recreação". Ele é fotógrafo, casado, tem dois filhos e acredita que "alguns locais não são os mais indicados para se deixar uma criança, como na frente da televisão, aprendendo as mais variadas formas de violência". Por isso, idealizou um local onde os pais poderiam deixar seus filhos, quando fossem para o trabalho e onde as crianças receberiam orientação escolar, artística e recreativa.

Essa ideia, apesar de ter sido muito bem recebida por inúmeras famílias, ainda não vingou. Segundo Ribeiro, todo o interesse das pessoas não chegou a ser concretizado, na medida em que houve poucas inscrições de crianças: "Não acreditaram no milagre". Mas não desanima: os interessados ainda podem e devem inscrever-se em sua casa, que fica na Rua Girassol, 523-A, Vila Madalena, fone 813-0289, nas livrarias Otimismo (Rua Teodoro Sampaio, 1130-A) e Espirita (Rua Teodoro Sampaio, 2550 — loja 28), ou pelo telefone 280-8661 com dona Irene.

Na verdade, algumas pessoas já colaboraram, através de oferta de trabalho voluntariado, como professores de 1º grau, educação artística, pedagogas e psicólogas, e com a oferta de uma oficina pedagógica (Rua Ignacio Pereira da Rocha, 245), onde as crianças inscritas poderiam ser atendidas nas segundas, quartas e sextas, no período da tarde. Entretanto, isso não é suficiente para

que a "Amor" entre em funcionamento.

"PRECISAMOS DE MUITA AJUDA"

Ribeiro solicita a colaboração de dirigentes de associações de bairro, de partidos políticos, clubes e comunidades religiosas, para que cedam algum salão onde pudesse funcionar a associação. Ele não quer uma sede única para a "Amor": "Não precisa; basta que as crianças tenham onde ficar durante toda a semana, e não apenas em alguns dias".

A futura associação também necessita de mais ofertas de voluntários, e poderia até ser criado um sistema de estágio remunerado para estudantes de Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, Enfermagem e outras áreas afins.

Toda a renda que irá prover a associação será advinda de colaborações mensais permanentes, pois Ribeiro faz questão de salientar: "Esta não será uma associação beneficente. Os pais pagarão o que puderem". A ideia inicial era de que a ajuda dos pais com maiores recursos financeiros compensasse as despesas das crianças que não podem pagar.

Porém, as inscrições feitas até o momento são de crianças cujos pais têm condições financeiras precárias. Assim, no ato da inscrição, Ribeiro já pede que os pais especifiquem a quantia que poderão fornecer mensalmente à associação. E conclui: "Se acontecer de os pais não poderem colaborar com o suficiente, a AMOR terá de acabar como nasceu: um sonho".

DUAS REUNIÕES: "COMPAREÇAM!"

Ribeiro está convo-

cando duas reuniões para apresentar o estatuto e os planos para a realização do projeto "Amor". Por isso, pede a presença de todos os pais interessados e possíveis voluntários no dia 15 próximo, às 19:30 h, na Igreja Nossa Senhora dos Passos (praça Portugal n.º 20 — início da rua Pinheiros) e no dia 29, também às 19:30, na Igreja Santa Madalena (rua Girassol, n.º 771). Nessas reuniões poderá ser escolhida a diretoria da associação.

Ribeiro, tentando sensibilizar as autoridades para a criação da AMOR.

Gazeta Pinheiros

18/6/81

pg 9

Mulheres interpelam coordenador

HELÔ CAPONI

O dia estava chuvoso e frio. Mas as cem mulheres, acompanhadas de seus filhos pequenos, reunidas na terça-feira passada, na sede da Sociedade Amigos do Jardim São Nicolau, na zona Leste de São Paulo, não desistiram de esperar pelo coordenador Wilson Quintela Filho, da Coordenadoria do Bem-Estar Social, que chegou ao local com quase duas horas de atraso. Elas haviam marcado a reunião para exigir que ele fixasse a data da inauguração da creche da Prefeitura naquele bairro, cujo prédio está concluído há mais de um mês, sem entretanto ser utilizado.

Persistentes, as mulheres permaneceram na sede da entidade, entoando cantigas de roda, com letras modificadas reivindicando a abertura da creche. Como resultado, conseguiram que Quintela assinasse documentos, redigidos pelos próprios moradores, nos quais o secretário comprometeu-se a inaugurar a creche no próximo dia 1.º de setembro, com funcionários escolhidos entre os candidatos daquele bairro.

Uma das moradoras, revoltada pelo desrespeito ao horário, marcado com antecedência, convidou o assessor do gabinete da Cobes, José Roberto, a assumir o lugar do coordenador. Após a leitura de vários documentos, as mulheres solicitaram que o assessor assinasse alguns deles. Diante da recusa, começaram a questioná-lo: "Se o senhor veio aqui representando o coordenador, deve ter capacidade para assumir e resolver no lugar dele."

O ambiente chegou a ficar bastante tenso. Quando Wilson Quintela chegou, foi recebido com vaias. Os moradores não aceitaram, inclusive, suas desculpas, reiniciando as vaias no momento em que ele começou a explicar que havia se atrasado por ter sido chamado pelo prefeito.

A reivindicação de creche no Jardim São Nicolau é antiga. Há quatro anos ela funciona na sede cedida pela Sociedade Amigos de Bairro. O prédio, entretanto, é inadequado para o funcionamento de uma creche, é muito úmido, não tem iluminação natural, espaço para as crianças dormirem ou até brincar.

"As crianças dormem no salão de festas e, como não podemos colocar camas, elas dormem sobre colchões. Quando nós os retiramos, estão bem molhados. A con-

sequência de toda esta unidade é que elas estão sempre resfriadas. E do resfriado passam a ter bronquite e da bronquite pneumonia. Estamos com duas crianças internadas com pneumonia" — afirmou uma moradora. Ela não quis se identificar, pois pretende candidatar-se à vaga de pajem da creche nova e acredita que dizendo seu nome poderá ter sua pretensão frustrada.

"Nós queremos que as pajens sejam moradoras do bairro. Não vamos permitir que sejam pessoas que não tenham nenhum interesse por nossas crianças e que são admitidas porque levam "cartinhas" de deputados ou porque pertencem a algum partido político. Nós reivindicamos a creche, lutamos por ela e temos direito de trabalhar lá" — justificou outra moradora.

Wilson Quintela afirmou que a seleção será feita através de provas e que os moradores do Jardim São Nicolau terão preferência na escolha. Isto, entretanto, não tranquilizou as mulheres que pretendem candidatar-se. "Queremos uma seleção honesta. Como vamos saber que as provas não serão manipuladas?" indagou uma delas.

O coordenador da Cobes relutou em assinar os documentos, redigidos pelos moradores, através dos quais se comprometia, por escrito, a cumprir as promessas feitas verbalmente. Embora as mulheres quisessem a creche em funcionamento a partir de 1.º de agosto, ele só aceitou assinar o documento depois de alterado a data para 1.º de setembro, sob a alegação de que não teria condições de fazê-la funcionar antes, por falta de pessoal.

O prazo foi, finalmente, aceito pelos moradores presentes. Porém, mais do que os pais, as crianças é que mostram uma grande expectativa pela nova creche. Alexandre de seis anos, que se identificou como filho da Sílvia, já foi com seus colegas visitar o novo prédio e afirmou: "Onde estamos é muito apertado. Lá tem graminha. É mais quentinho. Tem morrinho, areia, brinquedo, cama. Não vamos mais dormir no chão."

Até as crianças maiores que, pela idade, não podem mais frequentar a creche, estão ansiosas vendo no prédio da prefeitura uma forma de conseguir espaço para brincar. "A gente não pode mais ir para a creche, mas a gente vai arrumar um jeito e brincar lá" — afirmou Paulo Henrique, de 10 anos.

Sexualidade, tema proibido

Um grupo de mães da zona norte de São Paulo iniciou um movimento para acabar com a "pornografia na televisão". Um dos alvos da campanha é o quadro "Educação Sexual", que faz parte do programa TV Mulher transmitido pela Rede Globo de Televisão. O quadro é apresentado pela psicóloga e sexóloga Marta Suplicy e agora está ameaçado de sair do ar.

Por Maria T. Verardo

O tema Sexualidade volta à tona, agora com toda a força, diante da investida de um grupo de mães na zona norte de São Paulo (Santana) que tomaram a iniciativa de fazer um memorial que acabou se ramificando por vários estados e conseguindo 100 mil assinaturas contra a "pornografia na televisão, revistas, filmes, cartazes de cinema e publicações". A alegação das senhoras para pedir esta censura é que "estamos presenciando em nossas televisões uma total inversão de valores, valoriza-se a infidelidade conjugal, o desamor familiar onde são mostradas cenas de estupro, masturbação, troca de casais".

Um dos alvos da campanha é o quadro "Educação Sexual", que faz parte do programa TV Mulher transmitido pela Rede Globo de Televisão, e é apresentado pela psicóloga e sexóloga Marta Suplicy. Esta campanha contra o programa já provocou uma reação do DENTEL - Departamento Nacional de Telecomunicações (órgão do governo encar-



Marta Suplicy: "já esperava por isso há muito tempo"

regado da censura aos meios de comunicação) que colocou o programa "em observação" por achar o quadro de Marta Suplicy "inadequado para o horário" e com possibilidade de sofrer as penalidades impostas pelo DENTEL (advertência, suspensão temporária ou mesmo supressão).

Entrevistada pelo **EM TEMPO** Marta Suplicy declarou que "na verdade tudo isto não me surpreendeu, eu já esperava por isso há muito tempo. Falar de temas tabus com o sexo é despertar uma reação, o que é surpreendente é que esta reação tenha demorado um ano para acontecer".

O que foi surpreendente nesta história toda foi a atitude apresada do Ministro da Justiça, Abi Aekel, que no momento da entrega do memorial decidiu fazer uma ofensiva junto à televisão para conter "a onda de licenciosidade na programação de vídeo". Afirmou ainda que iria "propor a reformulação da legislação sobre a censura, de modo a permitir uma fiscalização mais eficaz nas emissoras de TV, e alterar a composição do Conselho Superior de Censura, para que dele possam fazer parte mães de família e representantes religiosos". Atualmente o órgão é formado por representantes de órgãos do governo, cinema, teatro, televisão e

imprensa. Todas essas medidas foram anunciadas no dia 21. No dia 23, o mesmo ministro voltou atrás em todas as suas declarações dizendo "que não havia dito nada disso, nada do que pretendemos fazer hoje ao esforço de mediação, porque as redes de TV no Brasil são pouco numerosas e dirigidas por homens cuja concepção de bem público nos leva a pensar que serão sensíveis a estas medidas". O que mudou, sr. ministro?

Nesta história toda, é igualmente curiosa a grande confusão entre educação sexual e pornografia.

Sexualidade e Repressão

Permitir que se fale naturalmente sobre a sexualidade é instrumentalizar o indivíduo para a conquista de sua felicidade sexual individual, já que a sexualidade é uma propriedade inerente à personalidade de **todos**, que podem tê-la como um problema de realização pessoal ou como miséria, frustração pessoal.

Como afirma José Angelo Gaiarça, psiquiatra e sexólogo "Posso dizer que não tenho nada a ver com sexo, que não tenho posição ante a questão, mas continuo a ter glândulas, órgãos e hormônios, desejos e inibições sexuais".



Na verdade num país onde 90% das mulheres nunca sentiu orgasmo, e desses 90%, uma grande maioria nunca sentiu nem ao menos o prazer numa relação sexual, falar de sexualidade é falar de algo absolutamente distante, é falar de uma "terra prometida que nunca experimentaram. Só podem lutar pelos "direitos" sexuais àqueles que já experimentaram a felicidade sexual".

Se é certo que ninguém pode ter uma posição definitiva sobre a sexualidade, porque ninguém sabe exatamente como ela é, não há dúvida que descrevê-la, confrontá-la, analisá-la, discutí-la é permitir que vá se encontrando caminhos, soluções ou ao menos alguma "pista" para conhecê-la.

Impedir este debate sério é permitir que um tema tão natural seja tratado como um mistério, algo sujo e que deve ser escondido. Ora não é isso que alimenta aquilo que se chama de pornografia?

A pornografia não nasce justamente nesse espaço obscuro do desconhecimento, da mesma ignorância que estimula o nascimento das ansiedades, angústias e insatisfações? Não é esse o espaço necessário à proliferação do grande comércio capitalista do "sexo"?

Será que as Mães da Zona Norte já pensaram se não estão fazendo o jogo da pornografia que dizem combater?

Três anos de movimento homossexual

Fundado em maio de 1979, o Grupo Somos de Afirmação Homossexual SP, realizou de 17 a 28 de maio, uma semana de promoções, marcando os três anos de existência do movimento homossexual no Brasil. Foram apresentados no Museu da Imagem e do Som, três longas metragens, Lira do Delírio, As Filhas do Fogo e República dos Assassi-

nos e o curta Um Clássico, Dois em Casa, Nenhum Jogo Fora, que culminaram com um debate sobre a representação do homossexual no cinema. Um dos pontos mais discutidos foi o chavão de associar homossexualidade com violência e marginalidade, do qual poucos autores conseguem escapar. Na noite do dia 22 de maio, na sede do Somos (Rua Abolição 244, São Paulo), com a

presença de Peter Fry, antropólogo da UNICAMP, foi discutida a situação do movimento homossexual, atualmente dividido em grande número de grupos. O fato é atribuído por alguns à natureza anti-autoritária dos grupos, enquanto outros reiteram a necessidade de um grupo unido e forte. Além disso, debateu-se a questão da sexualidade "um dos pontos básicos do movimento".



se expande

OS.O.S. MULHER realizou no dia 17 deste mês um encontro para fazer um balanço de sua atuação nesses sete meses de vida.

Contando atualmente com 60 plantonistas (iniciou com 20) e com cerca de 500 casos atendidos, era natural que os problemas se avolumassem e se sentisse a necessidade de parar para discutí-los e resolvê-los.

Questões como organização interna, assistencialismo, grupos de reflexão, legalização e atuação política da entidade foram exaustivamente discutidas. Neste momento da existência do S.O.S. todas estas questões tem que

estar claras devido a fase transitória porque está passando a entidade, transição para uma atuação mais conjunta, mais sistemática, a nível nacional, já que representantes de diversos grupos feministas estão vindo a São Paulo para participar desta experiência e construir entidades semelhantes em seus estados.

Para viabilizar a formação de novas entidades semelhantes ao S.O.S. MULHER, marcou-se para julho, paralela a realização da reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC — um encontro de todos os grupos de mulheres do Brasil para se discutir a questão da violência contra a mulher.

Mães que não podem amamentar

Representante da Unicef na Comissão Nacional de Incentivo ao Aleitamento

Filho P. 21/6/81
sentem-se culpadas

DÁCIO NITRINI

Materno mostra-se preocupado com os anúncios veiculados

"Uma campanha de estímulo ao aleitamento materno que deixa com sentimento de culpa as mães que estão impossibilitadas de amamentar é um verdadeiro desastre.

Gerson da Cunha, representante do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) na Comissão Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, manifestou ontem sua preocupação com o resultado dos anúncios que estão sendo veiculados em todo o território nacional. Pesquisas que ainda estão sendo feitas com mães pobres de São Paulo e Recife já indicaram que as mães que não conseguem amamentar, por falta de creches e outros motivos, "estão se achando inferiores, mantendo uma péssima auto-imagem", revelou ele.

O representante da Unicef, defensor intransigente do aleitamento materno, em reunião realizada na noite de quarta-feira passada, promovida pela Associação Paulista de Saúde Pública, informou que os resultados da pesquisa sobre a campanha de propaganda ainda são parciais. Mas revelou que já é possível afirmar que esse grupo de mães, que é exatamente o público alvo da campanha, pertencente à população de baixa renda, além de estar demonstrando sentimento de culpa por não ter condições de amamentar, está com falta de auto-confiança, não tem informações mínimas sobre como amamentar e, "curiosamente, sabe, com certeza que o leite humano é muito melhor para as crianças de que o de lata, artificial".

DÚVIDA

Assim, Gerson da Cunha, põe em dúvida a linha adotada durante a campanha — que se dirige basicamente às mães, responsabilizando-as exclusivamente pelo aleitamento. "Será que devemos ir a essas mães pobres e apelar para a amamentação?", perguntou ele. Gerson da Cunha diz que um apelo mal dirigido pode até piorar o problema. "Como consequência, por exemplo, da falta de conhecimento sobre a fisiologia da amamentação, o reflexo lactário acaba prejudicado", explicou ele.

O resultado parcial, da pesquisa feita com mães de São Paulo e Recife, segundo Gerson, mostra que provavelmente o público alvo das campanhas futuras deverá ser a família e a comunidade em geral. E não mais apenas as mães.

"Ao invés de dizermos amamente o seu filho, devemos falar: quando uma mulher tem um filho, você também tem um filho, é a comunidade que ganhou um filho", exemplificou ele.

CAUSAS

As causas que estão provocando o desmame precoce no Brasil, para o representante da Unicef, são várias: 1) falta de educação e informação entre mães, médicos, serviços de saúde e órgãos oficiais do setor. 2) falta de estrutura dos serviços de saúde pública e sistema hospitalar — "as mães passam pelo pré-natal e não sabem coisa alguma, por exemplo, sobre a preparação dos seios", ou então, a criança fica no berçário ao nascer, separada da mãe", disse ele. 3) falta de facilidades da comunidade, para a mãe que trabalha, "que não dispõe de creches". 4) sistemas de marketing das fábricas de leite artificial, "que distribuem intensamente leite em pó nas faculdades de medicina, hospitais, centros de saúde".

Um caminho para solucionar esses problemas, para Gerson da Cunha, seria o de traçar uma estratégia de incentivo ao aleitamento, através de legislação, educação das mães e dos próprios médicos (nos cursos de formação médica, as aulas de aleitamento artificial são em maior número do que as de aleitamento materno).

Além disso, diz ele, "é necessário travar um diálogo com o setor industrial de leite em pó".

O médico José Martins Filho, professor da Universidade de Campinas, participante do debate promovido pela Associação Paulista de Saúde Pública, discutindo formas de incentivar o aleitamento materno, disse que "os pediatras do Brasil e do mundo é que são os maiores vendedores de leite em pó, porque não conhecem a fisiologia do aleitamento materno e não estão comprometidos com a verdade social. Martins Filho criticou o currículo das escolas de medicina, que tem carga horária pequena para o tema de aleitamento materno, o que acaba propiciando a aceitação da propaganda do leite em pó por parte dos alunos.

PERDA

Levantando vários aspectos polêmicos sobre a questão, o professor da Unicamp informou que trabalhos científicos comprovaram que o leite da mulher desnutrida, em termos de qualidade, perde apenas gordura e volume, e por isso a campanha está incentivando que até mesmo essas mulheres de baixa renda, desnutridas, amamentem. Os trabalhos científicos comprovaram também que se os filhos das mulheres desnutridas forem alimentados com leite artificial terão maior possibilidade de contrair doenças e morrerem.

Mas se tecnicamente já está comprovado que quando se dá leite em pó para uma criança, está se aumentando a possibilidade de diarreias, ou está sendo prejudicada a sua capacidade de resistência à infecções, "até que ponto é justo simplesmente acabar com a distribuição gratuita de leite em pó pelo Estado, sem colocar nada em troca?", perguntou Martins Filho. Ele diz que há indícios que as mulheres de classe média é que estão voltando a amamentar os filhos, enquanto as de baixa renda ainda não.

Martins Filho também abordou a falta de estrutura de apoio às mães pobres, que trabalham fora. "Onde é que estão as creches deste Brasil, previstas em lei?", perguntou ele. Além disso, o professor da Unicamp diz que é necessário desmistificar uma série de conceitos que estão consolidados, inclusive entre a classe médica. Se uma mãe tem apenas 3 meses de licença para o parto, como vai amamentar o filho, durante 6 meses? Usando o banco de leite? Não, é preciso acabar com isso de que a criança só pode comer com bico de mamadeira, pois essa é a posição dos que querem vender mais leite artificial. Nós sabemos que uma criança de 3 meses de idade pode comer verduras, hortaliças e até carne", afirmou ele.

MARKETING

O Código de Ética da Organização Mundial de Saúde (OMS) e Unicef, aprovado em maio passado, em Genebra, por 119 países, inclusive o Brasil, e que teve a oposição apenas dos Estados Unidos, já está sendo estudado pela Comissão Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno, coordenada pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inam). A médica Marina Ferreira Rêa, da Secretaria da Saúde, participante do 1.º Congresso da Rede Internacional de Ação Sobre Alimentos Infantis, realizado em maio passado, em Genebra, considera a criação desse Código uma vitória: "uma nova fase da luta para prevenir a chamada doença da mamadeira, através do controle à propaganda de leites artificiais para bebês".

A realização desse congresso deu-se imediatamente após a assembléia da OMS / Unicef, que aprovou o Código de Ética, cujo projeto foi elaborado com a ajuda de grupos de consumidores. A vigilância das atividades das indústrias de leites infantis, a sua penetração no sistema de saúde e nas compras governamentais de alimentos, é uma das prioridades aprovadas pelo Congresso, segundo Marina Rêa.

Além disso, é necessária a mobilização de organizações comunitárias, especialmente grupos de mulheres, para apresentar propostas concretas de mudanças de rotinas hospitalares e de centros de saúde, que sejam favoráveis ao aleitamento materno. Pressionar a criação de uma legislação nacional que force a indústria a interromper procedimentos antiéticos de propaganda e combater o chamado "material educativo, produzido pelas indústrias que têm sabotado as práticas de aleitamento materno, também é prioritário.

"A gente sabe que a indústria de leite artificial vai tentar sabotar a aplicação do Código", disse Marina Réa. Ela prevê que a estratégia a ser adotada pela indústria será "uma generosa distribuição de presentes aos profissionais da saúde". Marina revelou que durante a realização da Assembléia da OMS/Unicef, "o lobby dessas empresas incluía, entre outras coisas, passagens gratuitas e viagens por toda a Europa".

Como os governos que aprovaram a criação desse Código, "acabaram se comprometendo publicamente em fazer legislações que o coloquem em prática", segundo a médica, é preciso pressionar para que as leis sejam feitas: "isso só vai depender da gente, da comunidade, pois nos países onde esses grupos de base já estão organizados, essa legislação já começou a ser feita".

SÃO PAULO

A Secretaria de Saúde de São Paulo embora apóie e faça a Campanha Pró-Aleitamento Materno em todos os centros de saúde, vai continuar a distribuição gratuita de leite em pó, através da rede de atendimento de serviços bá-

sicos. Mensalmente há 600 toneladas de leite artificial, integral, colocadas à disposição da população. Há menos de 15 dias, foi preciso uma verba suplementar de 1,84 bilhão de cruzeiros para garantir a continuidade dessa distribuição, até o final do ano.

"Esse é um direito adquirido pela população há mais de 20 anos, e não seria uma medida politicamente adequada a sua eliminação pura e simples", explicou a nutricionista Maria Lúcia

Stefa Comissão de Coordenação do Projeto de Incentivo ao Aleitamento Materno, Secretaria de Saúde.

Stefa afirma que essa ilção "sem dúvida reforça a idéia do leite", mas que se trata de uma reformuladora desse sistema diminuir a

quase compra — talvdo a distribuição de leite em pó

após as mães de crianças no mínimo 3 meses, pelo menos

nos três meses iniciais, as mães passariam a amamentar seus filhos", disse.

As nutrízes — mães que amamentam — recebem da Secretaria uma suplementação alimentar (Gestal) feita à base de açúcar, farinha de milho e soja.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

criança e pega o leite em pó para toda a família", contou a nutricionista.

Mas inúmeras mães vão ao Centro de Saúde, afirmam que não têm mais condições para amamentar e passam a receber o leite em pó. "Isso é a realidade, ela às vezes mente, continua amamentando a

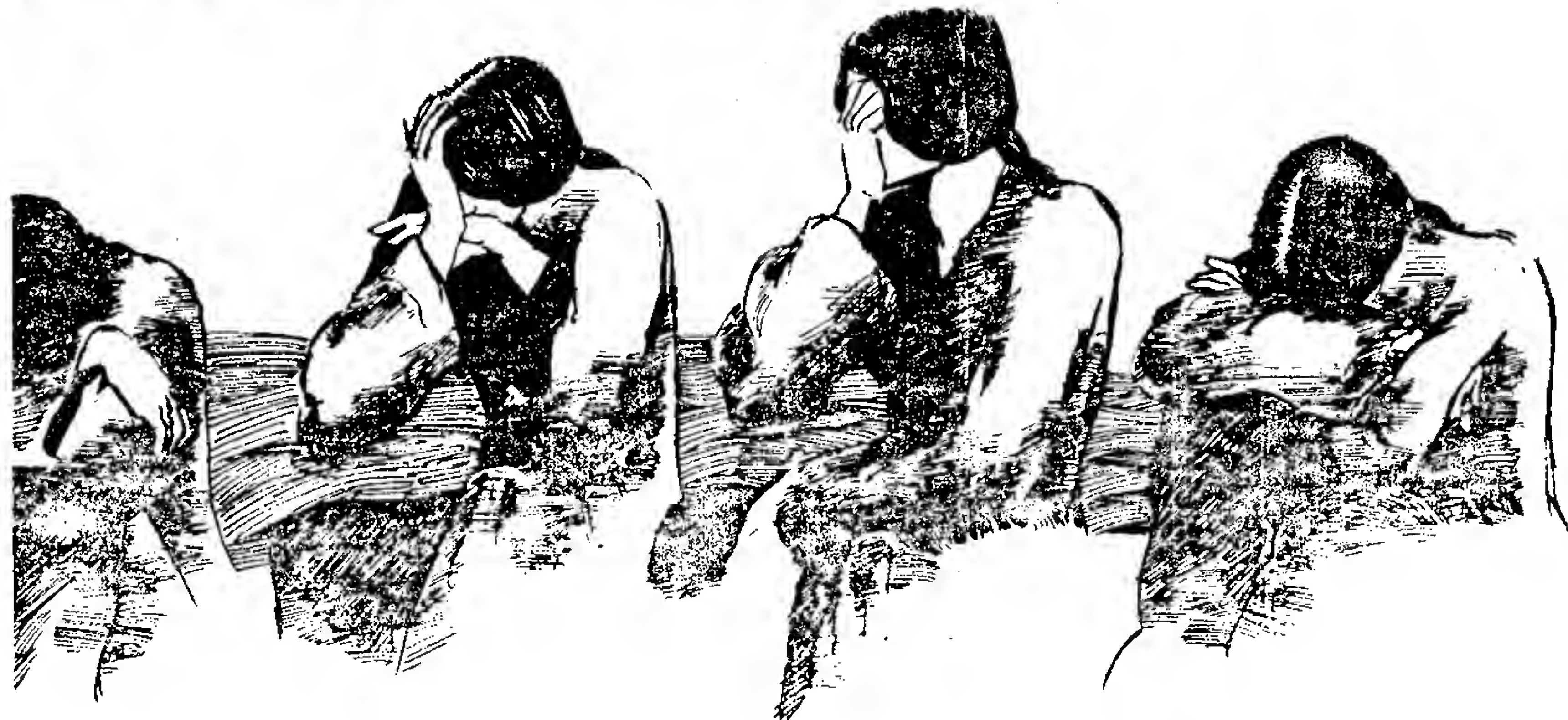
medidas concretas para incentivar o aleitamento materno. Entre elas citou que está sendo pedido para as escolas de medicina que aumentem a carga horária das aulas de aleitamento.

Está se incentivando também os hospitais a acabarem com os berçários tradicionais, onde as crianças ficam separadas das mães, substituindo-os pelo chamado "alojamento conjunto", onde o filho permanece ao lado da mãe, após o parto.

Apesar de tudo, sonhar um mundo bonito

Se o silêncio sempre foi o maior incentivador de novas violências contra as mulheres, a partir dos protestos contra assassinatos por maridos, mulheres de todo o país começaram a dar sentido à palavra solidariedade e a botar a boca no mundo. Este mês, no dia 11, em Salvador, dezenas de mulheres vão se reunir, no I Encontro Nacional contra a Violência. Entidades que já vêm trabalhando com este tema, como o SOS-Mulher de São Paulo, o Centro dos Direitos da Mulher de Belo Horizonte e a Comissão contra a Violência do Rio de Janeiro, além de grupos feministas de todo o país, se reunirão para trocar experiências, pela primeira vez a nível nacional. O tema da violência, sem a menor dúvida, é importantíssimo para o movimento feminista e tende a envolver cada vez mais mulheres na luta, na denúncia e na conscientização.

Aqui, apresentamos duas experiências, através das palavras das próprias mulheres: trechos do balanço efetuado pelo SOS de São Paulo — quase um ano de trabalho e muita coisa para contar — e uma experiência que se inicia em Porto Alegre, aglutinando vários grupos feministas.



Hofman

“Ocorreram-nos imagens, cenas de um filme muito vivo e emocionante. As cenas do ato público em que lançamos o SOS-Mulher de São Paulo. Um ato à nossa imagem. Lá fizemos teatro, ouvimos depoimentos, conversamos com as pessoas na rua. Não éramos nós mulheres falando, discursando sobre a violência específica que atinge a mulher. Éramos nós, atingidas por essa violência, manifestando nossa inconformidade, manifestando nossa vontade de poder ser integralmente e não ser menos por ser mulher.

...e foi o primeiro ato feminista em São Paulo, o primeiro ato que tratasse do específico. Um ato ousado. Finalmente ousamos falar do que nos atinge.

Mais tarde apanhamos na rua. Simbolicamente, o lançamento do SOS e o primeiro caso registrado no nosso livro é o da surra que levamos. Da agressão verbal os caras passaram à agressão física. Isso porque reagimos. Foi terrível. Choramos de raiva de ódio e tristeza e da violência que ressentimos também.

A primeira ambiguidade vivida por nós. Queremos um espaço de solidariedade entre mulheres que sofram violência. Não aceitamos essa violência e de repente sentimos ódio e se tivéssemos força, queríamos ter acabado com eles.

Apenas nós mesmas e nosso amor

Partimos para a prática. O plantão abriu na segunda-feira que seguiu ao ato. Plantão precário. Nós com nós mesmas e nosso amor que queremos concretizar, nosso grande afeto pelas mulheres mais próximas que compõem o SOS e que queremos estender a muitas outras mulheres violentadas. A gente quer se dar uma força, a gente se dá uma força enorme e essa força tem de ser ampliada.

A imprensa começa seu cerco. Precisamos dela para divulgar a existência desse pequeno espaço criado por nossa certeza e nossa grande vontade. A imprensa nos deforma, ela pouco fala de amor, pouco

fala de solidariedade, fala de assistência a mulheres espancadas. Isso nos engole, nos leva num redemoinho e estamos o tempo todo tentando nos controlar para não deixarmos de ser o que queremos ser. Nos deformamos perante a imprensa. Entramos na dança pensando em ser super mulheres que vão resolver o problema das outras.

Sofremos com o sofrimento delas, nos entregamos, nos perdemos. Nesse processo nosso, o pequeno coletivo vai se ampliando (somos hoje cerca de 60). O espaço de discussão se reduz. Mil coisas para fazer sempre. O plantão, a ampliação, a organização, o dinheiro que não temos. E sempre esse medo latente: não somos só isso.

Entrar nos recantos escondidos da submissão

Para quem procura o SOS, não adianta apenas ver resolvido seu problema imediato. Isso é importante, mas é importante também que ela se fortaleça. A relação do espancador com a espancada não é tão simples assim. Quem apanhou dez anos aceitou essa situação durante esse tempo. Chega um ponto em que é insuportável. É o basta. Ela quer sair dessa. E, de repente dois dias depois, some do SOS e se recoloca na mesma situação. Isso levanta sérias questões que nas conversas aparecem claramente. Quem apanha, no fundo pensa que merece o castigo. É que por uma razão ou outra ela falhou no cumprimento do seu papel. Às vezes ela não sabe no que falhou. Mas com certeza ele sabe, já que a castiga.

É a interiorização da opressão, da submissão, é a nossa consciência milenar de pertencer a um dono que se manifesta nestas vacilações. É o conceito de amor-posse que está nas nossas entranhas e justifica o ciúme doentio a ponto de justificar a violência.

Tudo isso tem de ser trabalhado, temos que entrar, junto com as mulheres que nos procuram, em todos os recantos escondi-

dos de nossa submissão atávica. É isso o importante, é nesse questionamento que nos situamos.

Curvas, retas e redemoinhos

Do atendimento individual passamos ao atendimento em grupo. Isso representa um passo inerível e os primeiros grupos estão nos revelando muito. A linguagem se solta, todas falam e se questionam na sua relação. Isso está apenas começando, é um caminho que nos parece rico. A procura de uma identidade que fuja da nossa identidade tradicional e não assimile a identidade dominante.

Um longo caminho que todas, sem “nós” e “elas”, temos que percorrer. O difícil é que lá na frente nada está muito claro.

São idas e voltas, curvas e retas e redemoinhos. São obstáculos dentro de nós que temos que enfrentar. É uma batalha sem inimigo, sem arma, sem terreno delimitado.

É isso o SOS... é também o livreto que fizemos sobre como prevenir e se defender de ataques. É o livro branco das mulheres assassinadas. Somos nós correndo de noite para levar uma moça estuprada na delegacia e no Instituto Médico Legal. Somos nós tremendo quando uma mulher chorando no telefone conta que o marido acabou de quebrar sua perna. Somos nós perplexas, angustiadas, felizes por esse sentimento difuso de que estamos fazendo algo de bom.

Somos nós batendo palmas e rindo emocionadas quando uma mulher fala que se sente bem com a gente e quer voltar e discutir mais e talvez entrar também pra o SOS. Somos nós pensando numa casa gostosa, uma casa aberta onde qualquer mulher possa entrar, falar, ficar quieta, ouvir música, chorar, cantar. Somos nós curtindo a gravidez e o nascimento do filho de uma amiga. Somos nós sonhando um mundo bonito. Somos nós tão contentes em estarmos juntas.

Porto Alegre De negro, nas ruas

“Éramos 14 ou 15 mulheres, todas vestidas de preto, na Rua da Praia, centro de Porto Alegre, dia 29 de junho passado. Havíamos decidido fazer uma manifestação pública, mostrar nossa indignação contra o assassinato de mulheres por discriminação sexual.

Formamos uma roda e no centro colocamos um cartaz com os nomes de todas as vítimas do mês. “Estamos aqui para protestar. Mostrar nossa indignação. O motivo é o assassinato de mulheres por seus maridos, o ciúme, o estupro, a violência sexual que as mulheres sofrem nas ruas, nas casas, nos becos escuros. Estamos indignadas! Porque as mulheres são violentadas?”

Líamos todas juntas estes textos e depois cantávamos músicas bem populares, conhecidas por todos, com as letras modificadas para a situação. Um homem chorou, algumas mulheres começaram a cantar e ficaram o tempo todo com a gente.

Esta foi a primeira vez. Voltaremos todos as últimas segundas-feiras do mês, inclusive com mais de uma manifestação ao mesmo tempo, espalhadas pela cidade. Para nós, mulheres de vários grupos feministas e feministas independentes, isso pode significar o início da construção de um SOS — Mulher no Rio Grande do Sul. Um SOS nascido nas ruas, na solidariedade popular, no desejo de fazermos alguma coisa que nos una e mostre nossa indignação.”

(Por Dinah Lemos)

Argentina

Feminismo na clandestinidade

Sara Torres, sexóloga e feminista argentina, faz para EM TEMPO um balanço do movimento de mulheres em seu país, de 71 até hoje, revelando algumas das facetas mais reacionárias e repressoras da ditadura argentina.

por Maria Tereza Verardo

Aqui no Brasil não temos nenhuma informação sobre o movimento feminista argentino, você pode nos contar como ele começou e como está agora?

— Não se pode falar que existe um Movimento Feminista na Argentina. Como movimento não existe. Sempre esteve o feminismo como tal circunscrito a pequenos grupos elitistas, com grande nível de consciência, de formação teórica. Aprofundou-se muito, estudou-se muito. Mas até agora o feminismo não teve raízes na massa em nenhum momento. Esta é que é a realidade. No momento em que surge o feminismo na Argentina, no ano de 1971, o primeiro grupo que aparece é a União Feminista Argentina - UFA, formada por mulheres de alta burguesia. Tinham aspiração de construir uma federação de grupos feministas. Esse era um momento de grande ação política.

Mas o feminismo na Argentina se encontrou com um problema constante: todas as forças políticas, inclusive a esquerda, consideravam a questão da mulher como secundária. E as próprias mulheres que começavam a se reunir para discutir a especificidade da mulher, assim que aparecia uma bandeira relacionada à luta geral, se engajavam nessa luta esquecendo a primeira.

O machismo é muito grande, mesmo dentro das próprias organizações políticas.

Este é o processo de todos os grupos que estão trabalhando dentro de um partido político. Por outro lado, para o feminismo independente, composto de feministas mais radicais, significa não haver a possibilidade de alianças.

Nessa época aparece na Argentina um outro grupo feminista o MLF - Movimento de Libertação Feminista, encabeçado por uma mulher que incorpora toda a teoria feminista da Europa e dos Estados Unidos, pelo não questionamento da autoridade. Todo grupo feminista está preocupado em ser sempre horizontalista. Acho que o MLF é o primeiro grupo verticalista do mundo, com uma presidente que dita normas. Ela fez a primeira revista feminista na Argentina, PERSONA, que saiu em 1974. Fracassou economicamente e voltou a sair no fim de 1979. Foi contraproducente seu trabalho, porque dá uma imagem muito agressiva do feminismo, uma imagem sexista.

Durante muito tempo a palavra feminista estava identificada com esta imagem agressiva e tivemos muito trabalho em explicar que feminismo não é contra os homens.



Outubro de 1980: as mulheres paulistas solidarizam-se com as argentinas

Em 1975 aparece uma comissão coordenadora para organizar o Congresso para o Ano Internacional da Mulher. Esta comissão é bem ampla, comporta donas de casa; mulheres de diversas categorias profissionais e vários grupos provenientes de partidos políticos. Os temas eram: igualdade, saúde e paz. As feministas incluem o tema família para ter mais possibilidade de discutir os temas específicos como educação sexual, contracepção e aborto, tratamento diferenciado da lei para homens e mulheres, etc. A Coordenação se separa, feministas x partidos políticos, e as feministas são proibidas de entrar no Congresso.

1976 começa com o golpe de estado e ficamos totalmente impossibilitadas de trabalhar. Todas as mulheres dos partidos se colocam na clandestinidade e já não se tem possibilidade de encontrá-las. Com as feministas acontece mais ou menos o mesmo. Continuou existindo somente um trabalho restrito a pequenos grupos de estudo de 5, 6 ou 7 pessoas que conseguem material de outros países.

Da FIP (Frente de Esquerda dos Trabalhadores) surgiu o Centro de Estudos da Mulher Argentina que no ano passado organizou uma jornada reunindo 450 mulheres, porém durou 45 minutos, a polícia reprimiu de uma forma violentíssima.

Qualquer grupo de mais de cinco pessoas deve informar à polícia.

Agora existe uma pequena abertura para os trabalhos com mulheres. Houve um encontro de artes para a mulher do qual participaram cerca de 80 personalidades públicas, o que é inusitado por estar todo mundo tão reprimido.

— Quais são as principais bandeiras das feministas argentinas hoje?

— Já que a abertura na Argentina ainda é muito pequena, e para evitar problemas estamos pensando numa bandeira bastante concreta, a muito curto prazo, que é a questão do "Poder pátrio" que dá ao pai poderes para decidir a vida da mulher e dos filhos.

— A abertura política da Argentina está permitindo um crescimento dos grupos e uma organização maior?

— Existe atualmente uma brechinha de abertura para nossa organização, mas apesar disto existe muito medo, muita autocensura. A propaganda que o governo faz em defesa da família é muito forte, o que nos impossibilita de falar em contraceptivos. O machismo é muito grande, mesmo dentro das próprias organizações políticas, que colocam a mulher sempre em segundo plano, encarregada de tarefas exclusivamente administrativas. Além disso ainda existe a obrigação de qualquer grupo de mais de 5 pessoas dar informações à polícia. Não podemos nos reunir. Os sindicatos que eram nosso local de reuniões estão todos com interventores militares. A Igreja nós não buscamos muito porque toda sua perspectiva está nos problemas dos presos políticos, dos desaparecidos e dos direitos humanos. Nossas questões não são importantes para ela. Temos que nos reunir clandestinamente, que contar com casas particulares. Além disso a grande maioria das mulheres estão lutando por suas próprias reivindicações. Não por serem mulheres, mas por serem mães ou mulheres de desaparecidos.

— E o debate sobre sexualidade, que sempre foi uma bandeira do movimento

feminista, como anda essa discussão na Argentina?

— Nos anos 70 havia uma grande possibilidade de se falar em sexualidade, havia uma abertura para o tema. Isto começou a retroceder no governo Peronista, porque o próprio Peron assinou uma lei em 28/2/74 que proibia a difusão, informação e venda de contraceptivos na Argentina. Havia um plano de que a Argentina deveria chegar a 50 milhões de habitantes. Isso se transformou numa grande campanha de incentivo à natalidade. Começou com Peron e continuou com Videla.

Perón assinou uma lei proibindo a difusão, informação e venda de anticoncepcionais.

Na Argentina existe um salário familiar que é chamado de Fundo Compensador. A porcentagem aumenta de acordo com o aumento do número de filhos. O 3º filho recebe muito mais que o primeiro. É uma campanha de promoção da natalidade. Quando se instalou a junta militar essa foi a primeira medida tomada: aumentar consideravelmente o subsídio por nascimento. Passou de Cr\$ 2.000,00 para Cr\$ 8.000,00.

Em 1974 quando o Peronismo fez essa lei fizemos uma manifestação contra ela. O governo disse que estávamos contra a planificação familiar e fomos acusadas de estarmos ligadas ao imperialismo que queria impedir que a população crescesse.

— **E a questão do homossexualismo?**

— No momento existe na Argentina um alei que é usada explicitamente para reprimir homossexuais. Então há todo um segredo mantido por eles sobre sua condição, por questão de segurança, que impede um diálogo franco e aberto sobre o tema. Consequentemente, há muita ignorância, que impede a integração das homossexuais ao feminismo.

DENÚNCIA



Esta é Ana Maria Piffaretti, dirigente sindical e feminista argentina, sequestrada à três anos, no dia 28 de junho de 1978. Ela é uma das 30 mil pessoas que a ditadura militar argentina mantém em campos secretos de detenção.

43) **Mães unidas obtêm melhoria em creches**

A Prefeitura de Santo André determinou, ontem, a construção de um galpão e a muragem da área que cerca a sede da Associação Amigos de Vila Guaraciaba, na periferia da cidade. Com isso, o prefeito Lincoln Grillo atende aos constantes pedidos do clube de mães da associação, que vem desenvolvendo há dois anos um trabalho de atendimento a 140 crianças, de dois a seis anos de idade, em uma creche e uma escola maternal, fundadas e mantidas por diversas donas de casa da região.

“Foi com “a cara e a coragem”, segundo a líder do grupo, dona Maria da Conceição Aparecida da Silva, que cerca de dez mães do bairro — uma zona-pobre da cidade, próxima à Vila Lutécia, onde existem muitos favelados — resolveram assumir, em termos comunitários, o problema de suas vizinhas, que não tinham com quem deixar seus filhos e são obrigadas a trabalhar, pois seus maridos, em sua maioria metalúrgicos, estão desempregados. O grupo começou, então, a reunir em sistema de revezamento, três ou quatro “tias” para tomar conta da garotada.

Mas com o rápido aumento do número de crianças, conta dona Maria da Conceição, o grupo de mães foi forçado a sobrepor a ação à imaginação e pôr-se em campo para levantar fundos para ampliar a obra. Batendo de porta em porta, coletando prendas e donativos, começou a promover bazares, rifas e festas típicas, mobilizando assim a comunidade com vistas à aquisição de material escolar e, inclusive, roupas para os menores mais carentes. As mensalidades simbólicas, pagas pelos sócios da entidade — cinquenta cruzeiros por mês — passaram a reverter também para a “caixinha” da escola.

Com o apelo da população local, o que a princípio não passava de uma “ajuda às nossas vizinhas”, acabou se transformando em uma creche e, posteriormente, em um maternal, que hoje distribui às suas 140 crianças, diariamente, merenda escolar fornecida pela Prefeitura. Agora, com a determinação do prefeito de Santo André, o clube de mães terá um galpão anexo à sede da entidade, que abrigará as crianças do frio e da chuva, e contará ainda com um muro, que impossibilitará que as crianças deixem o local, “expondo-se assim ao risco de serem atropeladas na rua”.

Mães lançam apelo: ajudem nossa creche

MARGARIDA NEPOMUCENO

Cerca de 40 crianças dos Jardins Elvira, Ivone, Baroneza e Munhoz de Osasco, estão sendo atendidas, desde abril último, pela Creche Pixote, uma das únicas creches particulares de Osasco, criada pela própria comunidade para atender as crianças carentes dessa região.

Apesar do empenho da direção, dos pais e funcionários da creche, além de uma equipe de técnicos e voluntários do bairro, em tentar desenvolver novos métodos de educação infantil, o problema financeiro, a falta de verbas para cobrir as despesas, ameaça pôr fim a mais esta experiência comunitária.

SIMPLES E IMPROVISADA

De longe se escuta o barulho das crianças brincando no enorme e ensolarado pátio da creche.

A turma do Material 2, disputa desorganizadamente os balanços improvisados — cordas penduradas em árvores — pelas tias. Nos trezinhos, grandes tubos de concreto, a criançada entra e sai apitando. No tanque de areia, castelos e bolinhos são feitos por outras "pixotinhas" e subindo a escada, na área de entrada, a turminha do berçário toma seu banho de sol brincando com argolas e bonequinhas de pano.

As quatro atendentes da creche circulam tranquilamente entre as crianças e na cozinha, dona Francisca cozinha os legumes e o feijão pra criançada. Já está na hora do almoço.

A casa é grande e tem sala pra tudo: refeição, ginástica e recreação, berçário, etc. Velhos armários e guarda-roupas comprados numa casa de objetos usados, foram transformados pelos marceneiros da Comunidade São José Operário do Munhoz em móveis simples e criativos.

PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

Desde o início, a idéia de se criar uma creche no bairro, a campanha de arrecada-

ção de fundos e a própria instalação da creche, reuniu um número enorme de moradores e jovens da Associação Cultural do bairro.

"Nas primeiras reuniões, afirmou Sônia Rainho, uma das principais idealizadoras do creche, poucas pessoas participavam, mas, logo depois, com a propaganda que espalhamos no bairro, as mães começaram a chegar. Foi feito um levantamento do custo de todo o material necessário e a conclusão que tiramos era de que, se a gente não trabalhasse muito, a creche não sairia. Fizemos dois bazares, bingos, rifas e até baile cujo convite era uma lata de mantimentos. E com isso fomos arrecadando dinheiro e mantimentos e no dia 6 de abril inauguramos a creche".

A creche ainda não tem estatutos definidos "criaremos conforme a necessidade prática", afirmou Sônia mas, alguns princípios básicos já estão se concretizando. Por exemplo, somente terão vagas as crianças carentes da região. Não existe protecionismo com donas-de-casas que têm condições pra pagar empregada.

A mensalidade varia. Pais que têm somente um filho na creche, pagam a quantia de Cr\$ 1.600,00; duas crianças pagam Cr\$ 1.200,00 e três pagam Cr\$ 1.000,00, e normalmente, além dessa mensalidade, quase todos os pais colaboram com material de limpeza e didático.

SALARIO BAIXO

As cinco funcionários da creche, quatro atendentes e uma cozinheira, recebem um baixo salário — Cr\$ 5.000,00 — mas mesmo assim elas se desdobram para atender as crianças da melhor maneira possível.

"Os critérios que definimos para admissão de funcionárias, afirmou Sônia, foram bem discutidos pelas mães. Somente pessoas da própria comunidade, que gostassem muito de crianças e compreendessem que essa creche não tem fins lucrativos, é que poderiam ser admitidas".

OSP- 19a 25/6/81 p. última
Jô Cardoso Pacheco, 21 anos, moradora há tempos no bairro, preencheu todos esses requisitos e hoje, toma conta de 10 crianças do Material I.

"Já tive experiência com crianças, afirma ela, mas nunca como esta. Aqui não existe patrão nem empregado e nem mães que reclamam de tias. Trabalhamos todas em conjunto. Se há um problema com alguma tia, a gente senta pra conversar e colocar a casa em ordem. As mães são muito tolerantes. Elas sabem o quanto é duro cuidar de crianças com poucos recursos e nos ajudam sempre". O dinheiro é pouco, mas temos, em compensação, tranquilidade no serviço e isso é quase tudo".

Além dos moradores do bairro, uma equipe de psicólogos da PUC tem dado assistência constante à creche, auxiliando no planejamento pedagógico. Ao contrário de muitas creches existentes, a criança é o principal objeto de atenções. A disciplina é necessária, segundo Sônia, "mas procuramos imprimir uma linha mais livre de comportamento onde a criança aprende a desenvolver a criatividade, a imaginação e o respeito aos demais coleguinhas".

DIFICULDADE FINANCEIRA

Apesar do empenho dos funcionários e voluntários da comunidade, as dificuldades financeiras representam um sério entrave para a continuação dessa iniciativa.

"De acordo com levantamento feito, cada criança fica para nós a Cr\$ 3.000,00, quantia essa que supera a entrada das mensalidades. Não podemos depender eternamente de doações particulares. Achamos que o poder público deve assumir parte das nossas despesas, disse Sônia.

Pensando nisso, as mães já fizeram um projeto contendo todos os custos da creche e enviaram, no início de maio para a Secretaria de Promoção Social do município. Além disso, já foram enviadas várias cartas à firmas da região para que elas enviem material para as crianças. "Se os nossos apelos não forem atendidos, concluiu Sônia, teremos que fechar a creche".



Creche será aberta na USP, após 16 anos de reivindicações

LÉLIA CHACON
da Agência Folhas

Os funcionários, alunos e professores da Universidade de São Paulo terão, em breve, uma de suas mais antigas e principais reivindicações atendidas. A primeira etapa da construção da creche da USP, iniciada no ano passado, estará concluída em meados de julho e entrará em funcionamento até o final deste ano, com capacidade para receber 75 crianças.

A obra completa abrigará 375 crianças, mas sua conclusão dependerá de novas decisões administrativas e novos recursos, segundo informou o professor André Ricciardi Cruz, coordenador da Coordenadoria de Saúde e Assistência Social da USP (Coseas) órgão responsável pela administração da creche.

A primeira reivindicação de uma creche para a USP foi feita em 1965, pelas funcionárias da Reitoria da instituição. O pedido originou a abertura de um processo para estudar o caso que, depois de arquivado inúmeras vezes, sob a alegação de falta de verbas, foi retomado em fins de 1975, após a Reitoria receber documento contendo milhares de assinaturas de funcionários, alunos e professores da Universidade.

A partir de então, segundo conta o professor Cruz, desenvolveu-se estudo definitivo sobre a creche, através da constituição de comissão, formada por dois psicólogos, uma nutricionista e uma pedagoga e sob a coordenação da Coseas.

A OBRA

O projeto, que está sendo erigido junto ao prédio da Faculdade de Educação da USP, prevê a construção de cinco módulos ligados a um corpo central, em forma de uma meia flor com pétalas. Até o final de julho, o primeiro módulo e a infra-estrutura da creche, no corpo central, estarão prontos para receber os equipamentos e mobiliário necessários, cuja aquisição encontra-se em fase de concorrência pública na Coseas.

Cada módulo será destinado a faixas etárias diferentes, para crianças a partir de quatro meses de idade, o que determinará também o tipo de instalação de cada bloco, ou seja, se será equipado com berçários, salas de amamentação ou pequenas camas. O corpo principal contará com cozinha, lavanderia, dispensa, enfermaria e instalações para a equipe técnica de apoio, como médicos, psicólogos e pedagogos, além de funcionários auxiliares.

Entre os módulos, o projeto prevê áreas ajardinadas, onde serão colocados equipamentos de recreação, como tanques de areia, escorregadores etc., destinados às atividades de crianças maiores, até os cinco anos de idade.

PESQUISA

Em princípio, segundo o professor Cruz, o primeiro módulo, que entrará em funcionamento até o final do ano, abrigará a faixa etária inicial, de quatro meses a um ano e meio de idade. Entretanto, a decisão poderá ser modificada em função dos resultados de uma pesquisa que está sendo realizada entre as mulheres do campus, para definição atual da demanda da creche.

O trabalho ficará pronto em agosto e determinará também a necessidade de contratação de pessoal e seleção das crianças, além de oferecer subsídios à equipe coordenadora da creche, para a implantação de um centro de orientação de mães e um centro de estudos e pesquisas, que deverão funcionar nas mesmas dependências da creche.

O objetivo desses centros, como explicou a psicóloga Maria Clotilde Magaldi, chefe da equipe, é não tornar a creche da USP "um mero estacionamento de crianças, mas um projeto-modelo que pretendemos ver implantado em outros campus da Universidade".

"As mães — disse a psicóloga — deverão receber orientação psicológica e intelectual, para que acompanhem o desenvolvimento de seus filhos fora da creche." As crianças, segundo Maria Clotilde, também receberão o mesmo tipo de assistência enquanto permanecerem na instituição.

Essa filosofia de trabalho e outros detalhes de funcionamento da creche, conforme assegurou o professor Cruz, vêm sendo discutidos em diversas reuniões com a presença de representantes de funcionários, alunos e professores da USP, que levam à Coseas as necessidades de cada categoria sobre a creche.

Os recursos, conseguidos para a creche, só são suficientes para a inauguração, cuja etapa inicial custou à USP cerca de Cr\$ 22 milhões. Para as despesas de contratação de pessoal e manutenção das instalações, não há, por enquanto, verba destinada, disse Ricciardi Cruz.

Em grupo, as mães aprendem a cuidar melhor de seus filhos

Elzira Vilela Nakasu é médica pediatra há 15 anos. Formada em Sorocaba, depois de vir para São Paulo procedente de Minas, aprendeu, durante a sua vida profissional, que ser médico é também estar muito perto da corrupção, "embora isso pareça absurdo", afirma ela.

"Sempre gostei de trabalhar em hospital de indigente, detesto a medicina particular. É muito difícil trabalhar nela sem se corromper, pois é também muito difícil detectar até onde o médico está sendo honesto, pois ele tem que manter o seu emprego e isso é agora facilitado pela proletarianização da profissão, que já foi de elite", diz Elzira Vilela.

Depois de passar por hospitais de atendimento a carentes e fazer um concurso para o Estado, Elzira foi trabalhar num posto de saúde da periferia de Osasco, onde começou a desenvolver um trabalho de atendimento infantil, onde as mães entram no consultório em grupo e colocam os seus problemas e dúvidas sobre a saúde dos seus filhos, chegando inclusive a bate-papos sobre assuntos mais gerais, a partir da vida que têm em suas casas e das necessidades que enfrentam.

PESSOA QUERIDA

Elzira recorda que, no seu tempo de escola, tinha um professor, doutor Gianini, que não se cansava de repetir que "a primeira qualidade do médico é ser bom: se ele for bom, vai ter que estudar e procurará tratar o seu doente como se fosse seu pai ou sua mãe, tratá-lo como uma pessoa muito querida".

Ela recordou o professor para demonstrar mais uma vez a sua preocupação quanto aos caminhos da Medicina como serviço pela saúde do indivíduo, lembrando também que, "hoje, devido aos convênios, já não existe preocupação sobre as doenças do trabalho, ninguém pensa nisso, diz ela, "mas a Medicina, que não poderia nunca ser transformada em empresa, existe hoje como tal. Quantas vezes a pessoa precisa de exames, de uma consulta cuidadosa, mas o médico, dentro da engrenagem que é o convênio, por exemplo, não faz nada disso, aceita não fazer isso. Ele é o agente".



Moradora do Alto de Pinheiros, Elzira trabalhou, anteriormente, no Hospital Infantil da Cruz Vermelha, um hospital filantrópico que já teve 400 leitos infantis e equipamentos para cirurgias infantis, dispondo de toda uma infra-estrutura e pessoal habilitado, sendo que o que mais lhe tocava era o setor de moléstias infecciosas, onde atuava também.

Foi nesse tempo que ela participou de uma comissão multiprofissional criada para detectar o grau e as causas da infecção hospitalar, que já na época (1976) apareciam como problemas muito sérios naquele hospital. E foi devido a esse trabalho que acabou sendo demitida.

"Hoje, aquele hospital não tem mais o nível daquela época, pois demitiu-se todo o corpo de consultores. Degringolou totalmente. Foi uma experiência chocante. Mas foi lá, também, que descobri que gosto de trabalhar em hospital com criança internada", conta Elzira.

Foi nessa oportunidade que fez o concurso para o Estado e foi trabalhar num posto de saúde, fazendo também um curso de Saúde Pública.

ATENDENDO EM GRUPO

Começando no posto de saúde, Elzira percebeu que existia um problema, ou seja, que os distúrbios maiores eram ligados à alimentação. Junto com mais quatro pediatras e sanitaristas, ela criou o atendimento de puericultura em grupo.

"Nesse esquema, são formados grupos de crianças de 0 a um mês; de 4 meses; de 8 meses; e de 12 meses. Nesses grupos são discutidas as doenças mais frequentes, como se dá o desenvolvimento psicomotor da criança, ao mesmo tempo que se tenta relembrar a cultura do povo, onde se curava uma gripe em casa", vai contando Elzira.

"Percebemos, através desse trabalho, que o que uma mãe fala para a outra repercute muito mais, que

elas ficam mais motivadas, se auto-afirmam como mães. Como médica, procuro traduzir para as mães os meus conhecimentos sobre como cuidar da saúde da criança, além de mostrar que algumas doenças são coisas simples. Que a gripe, a febre, o peito chiando são coisas de uma mesma doença."

"É através desses grupos que as mães percebem que moram numa região altamente poluída da cidade e que com aquele ar é impossível que os seus filhos não tenham bronquite, e elas discutem a partir daí o que fazer para resolver essa situação, ir conversar com o prefeito, fazer abaixo-assinado etc."

Esses são alguns dos resultados do trabalho que Elzira desenvolve junto à sua clientela, mães de crianças até um ano de idade, percebendo, também, "que isso deu a essas mulheres mais autoconhecimento e valorização, sentem-se muito mais donas das suas próprias vidas, elas se colocam de novo como seres humanos. São mulheres de muito valor, batalhadoras, lutadoras, e isso me anima demais nesse trabalho", afirma Elzira, "pois não existe uma mulher mais sofredora do que a mulher pobre".

Outro resultado desse trabalho é que "mesmo sendo o operário muito liberal dentro da sua pobreza, principalmente na educação dos filhos, as mães aprendem a disciplinar mais a vida das suas crianças, depois de participar desses grupos, criando horários para a alimentação, conscientizando-se da necessidade de amamentação, enfim, conseguem ter filhos mais saudáveis, mais desenvolvidos", conclui Elzira.

O atendimento é feito apenas até um ano de idade, porque sendo a demanda muito grande é preciso um processo de seleção para a formação dos grupos.



(SP 26/6 de 1981)

Amparo maternal agradece

Expressamos aqui, nossa gratidão pelo grande benefício que, através da caridade de nossos queridos pastores, a bondade e a presença em servir de nossos amigos vigários e colaboradores de toda Arquidiocese, conseguimos, com a Campanha dos Cartões de Natal de 1981.

Os resultados da Receita, são:

Amparo Maternal:	Cr\$ 266.070,00
Região Episcopal Ipiranga	Cr\$ 569.019,00
Região Episcopal Osasco ..	Cr\$ 99.805,00
Região Episcopal Sto. Amaro	Cr\$ 336.178,00
Região Episcopal Lapa	Cr\$ 569.644,50
Região Episcopal S. Miguel	Cr\$ 255.753,50
Região Episcopal Sé	Cr\$ 647.982,00
Região Ep. Itapic. da Serra	Cr\$ 209.000,00

Região Episcopal Belém ..	Cr\$ 358.460,00
Região Episcopal Santana	Cr\$ 819.511,00

TOTAL:	Cr\$ 4.131.423,00
DESPESAS:	Cr\$ 3.000.000,00
LUCRO NA VENDA:	Cr\$ 1.131.423,00
SALDO DE CARTÕES PA- RA 1981:	Cr\$ 1.749.659,00

LUCRO TOTAL:	Cr\$ 2.881.082,00
---------------------------	-------------------

Assim, a todos que adquiriram ou venderam, colaborando com essa obra que vem assistindo à mãe pobre há 41 anos, Deus lhes pague.

Ir. Anita Gomes
P/ Diretoria

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *FOLHA DE SÃO PAULO*
Data: *26/06/81*
Pág.: *10*

Parte n.º

N.º do recorte

Critério para vaga em creche sai hoje

A Coordenadoria do Bem-Estar Social (Cobes) deverá divulgar hoje os novos critérios para o preenchimento de cerca de duas mil vagas para o pessoal que vai trabalhar nas futuras creches da Prefeitura. O coordenador Wilson Quintela Filho informou, ontem, que as inscrições estarão abertas a partir do dia 3 de julho, nas supervisões regionais, e que a seleção será feita pela Fundação Carlos Chagas.

FSP 26/6/81
CARGOS p 10

Ainda de acordo com o coordenador, a Fundação Carlos Chagas considerará apto para os vários cargos (auxiliar de diretor, pajem, cozinheira, etc) todos os inscritos que forem classificados com a nota igual ou acima de 50, em uma escala de zero a 100. Apenas não estão sujeitos aos exames de seleção os diretores das creches, cujos cargos são considerados de confiança e, portanto, de livre nomeação do coordenador.

PROTESTOS

O preenchimento das vagas nas creches causou, recentemente, vários protestos de moradores da periferia e dos próprios funcionários da Cobes, que denunciaram a interferência de políticos do PDS na escolha dos futuros funcionários. No caso das creches que entraram ou entrarão em funcionamento nos próximos dias, o pessoal foi selecionado pelas próprias supervisões regionais. Depois, a Coordenadoria decidiu centralizar essa seleção, mas os critérios só serão conhecidos a partir de hoje.

F/SP 27/6/81 p. 10

Concurso escolherá pessoal de creches

A Coordenadoria do Bem-Estar Social resolveu realizar provas de seleção para o preenchimento de aproximadamente duas mil vagas de funcionários, a serem abertas com a inauguração das novas creches em São Paulo. Segundo publicação feita ontem no Diário Oficial do Município, as inscrições serão abertas no próximo dia dois e terminarão no dia 13 de julho. Os exames serão feitos pela Fundação Carlos Chagas e os candidatos que obtiverem nota igual ou superior a 50 serão classificados de acordo com os pontos obtidos. Os que se sentirem prejudicados terão dois dias de prazo, a partir da data da publicação dos resultados, para entrar com recurso. O local e a data dos exames ainda não foram divulgados.

Os ocupantes dos cargos de auxiliar de diretor de creche (salário de Cr\$ 26.909,54), auxiliar de enfermagem (26.909,54), auxiliar de administração (26.023,40) e atendente de enfermagem (20.222,72), deverão trabalhar, no mínimo, 40 horas semanais. O professor de educação infantil (24.209,00), 24 horas semanais. Os aprovados para os cargos de pajem (Cr\$ 10.870), cozinheiros (14.609), auxiliar de cozinha (10.870), servical 1, que inclui as lavadeiras, passadeiras e faxineiras (10.270), servical 2, para as funções de contínuo, porteiro e guarda (10.502) e zelador (14.609,00) deverão trabalhar 48 horas semanais.

Os candidatos podem se inscrever em apenas uma

das funções. Os exames serão escritos e constarão de questões sobre os conhecimentos necessários ao desempenho das funções. Os candidatos aprovados serão cadastrados, com validade por seis meses, contados a partir da homologação dos resultados do concurso, para fins de nomeação. Este tempo poderá ser prorrogado por outros seis meses.

POSTOS

As inscrições estarão abertas nas Supervisões Regionais de São Miguel-Ermelino Matarazzo (rua Erva do Carpinteiro, s/n.º), Santo Amaro (praça Floriano Peixoto, 131), Sé (avenida Tiradentes, 749), Vila Maria - Vila Guilherme (rua Maria Cândida, 1047), Vila Marlana (rua Joaquim Távora, 1218), Vila Prudente (rua Ibicuí, 43), Butantã (rua Ulpiano da Costa Manso, 201), Campo Limpo (estrada de Campo Limpo, 2935), Freguesia do Ó (largo da Matriz, 225), Ipiranga (rua Gonçalo Pedrosa, 131), Itaquera-Guaianazes (rua Campinas do Piauí, 22), Mooca (avenida Paes de Barros, 872), Penha (rua Carlos Meira, 333) Pirituba-Perus (rua D. Érico Ferrari, 88) e Santana (rua Olavo Egídio, 506).

As inscrições serão feitas das 9 às 18 horas. O candidato deverá preencher requerimento fornecido nos locais de inscrição, junto com a lista dos documentos exigidos em cada caso. Esta relação também foi publicada no Diário Oficial do Município de ontem.

Assassinato de assessor da Funabem sem solução

VALÉRIO MEINEL

Do Sucursal do Rio

Pessoas apontadas como expulsas da Polícia e do Exército e que se empregaram como inspetoras de alunos da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) são suspeitas do assassinato do assessor jurídico da entidade, Cláudio de Castro Magalhães, 39 anos. Ele foi baleado três vezes, na cabeça, virilha e nádegas, ao descer do carro, no jardim de sua casa, em Jacarepaguá, na madrugada de 17 de janeiro passado, e morreu uma semana depois, na Clínica São Bernardo.

Dias antes do atentado, Cláudio Magalhães concluiu inquérito administrativo que apurou violências sexuais e espancamentos praticados por inspetores contra alunos da Escola João Luís Alves, da Funabem, na Ilha do Governador. Na sindicância que antecedeu ao inquérito administrativo, Cláudio Magalhães recomendara abertura de processo criminal contra os implicados.

INTERVENÇÃO DE FIGUEIREDO

A investigação sobre a morte de Cláudio Magalhães esteve de janeiro ao início deste mês sob a responsabilidade do delegado Petrônio Romano, da 16.ª DP, na Barra da Tijuca, e um promotor especial, Stênio Ludgard Neves, foi designado para acompanhá-lo. Nada foi feito e os autos têm apenas 17 folhas. Helena Magalhães, mãe de Cláudio, escreveu carta ao presidente João Batista Figueiredo, pedindo punição para os assassinos de seu filho. A carta foi encaminhada pela Presidência da República ao ministro da Justiça, Ibraim Abl Ackel, que pediu providências ao general Valdir Muniz, secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro. Na semana passada, por determinação do diretor do Departamento de Polícia Metropolitana, delegado Mauro Magalhães, o inquérito foi transferido para a 1.ª Delegacia de Homicídios.

Entre os policiais encarregados de investigar o crime, há uma certeza: Cláudio não foi vítima de assalto — versão defendida pelo assessor de Comunicação Social da Funabem, Valter Cunto. O assassino levou apenas o revólver da vítima, um "Taurus" calibre 32. E um detalhe — o tiro desferido contra as nádegas — significa, para policiais da Homicídios, que o crime foi cometido por vingança.

EXPULSOS

Durante o inquérito administrativo que presidiu, Cláudio Magalhães disse ao pai, Agenor Magalhães, advogado e ex-secretário de Justiça do antigo Estado do Rio, que estava preocupado e perguntou como poderia conseguir um porte de arma. Agenor considerou a preocupação descabida e argumentou que em sua carreira fizera parte de várias comissões de inquérito, sem que nada lhe acontecesse. Cláudio respondeu: "É porque o senhor não sabe com que tipo de gente estou lidando: 'leões-de-chácara' de boates de Copacabana e elementos expulsos da Polícia e do Exército."

Cláudio não oficializou o pedido de porte de armas, mas rascunhou ofício ao diretor do Departamento de Polícia Política e Social (DPPS). Nos motivos para requerer o porte, ele argumentou que participava, na Funabem, de comissões de sindicância e inquéritos, "apurando fatos graves e sugerindo punições a elementos de certa forma passíveis de atitudes imprevisíveis, dadas as irregularidades em suas vidas pregressas e da atividade que exercem junto a jovens inteiramente marginalizados".

A comissão de inquérito administrativo, presidida por Cláudio Magalhães, foi integrada pelos assessores jurídicos Marisa Schlesinger e Cândido Leonardo Campos Mala. No depoimento que prestou na 16a DP, Maria Schlesinger disse que Cláudio Magalhães aconselhou-a a não participar da comissão de inquéritos, "porque os elementos envolvidos são da 'pesada'". Ela decidiu continuar na comissão, por considerar dever profissional. Marisa conta no mesmo depoimento que, posteriormente, outro assessor-jurídico da Funabem, José Antônio Flores da Cunha Neto, confidenciou-lhe que "entre os inspetores implicados há ex-policiais e ex-militares".

CERTEZA DA MORTE

Conseguir porte de arma não foi a única preocupação manifestada por Cláudio Magalhães. Dias antes de ser baleado na porta de casa, na rua Desembargador Paulo Alonso, 75, ao chegar da Faculdade de Direito "Marquês de Valença", onde era assistente da cadeira de Direito Penal, Cláudio entregou à mulher, Lillian, dois cheques assinados e em branco. Ele disse à mulher que ela poderia descontar os cheques se lhe acontecesse alguma coisa.

Júlio de Souza Moraes, guarda de segurança da Clínica São Bernardo, conta que horas depois de Cláudio Magalhães ser internado, um carro Opala parou na porta da casa de saúde. Um homem branco, magro, alto, sem barba ou bigode, desembarcou e perguntou: "Como está o Cláudio"? Mais tarde, a telefonista da clínica, Enilda Gama, também atendeu a uma chamada de um homem que queria saber como estava o Cláudio.

VIOLENCIAS SEXUAIS

No dia 7 de novembro do ano passado, na escola João Luís Alves, da Funabem, na Ilha do Governador, o menor M.A.O.P.

foi violentado pelos colegas L.S.F., S.S., F.H.C.R. e um quarto, identificado apenas por S. Para puni-los, o monitor Paulo Roberto Verônico da Silva levou-os para uma sala conhecida como "monitoria" e obrigou-os a ficarem nus, em fila indiana. Na presença de M.A.O.P., os quatro menores foram obrigados a simular o ato sexual entre si. Verônico ameaçou um dos jovens de violentá-lo com um cabo de vassoura e obrigou-o a beijar as partes íntimas de M.A.O.P. As violências do inspetor Verônico foram testemunhadas pelos inspetores José Luís Alves, Gilson Barbosa Gama, Manoel Luís Batista e Edson da Silva Tavares.

Pelo episódio, antes da instauração da sindicância, Paulo Verônico foi punido com suspensão por três dias e os inspetores advertidos por escrito. Nas conclusões da sindicância, Cláudio Magalhães recomendara o enquadramento de Verônico no artigo 214 do Código Penal, pelo crime de atentado violento ao pudor, e aos demais, no mesmo artigo e no 25 do Código Penal, por co-autoria.

Demitido após espancar

Na noite de 15 de novembro do ano passado, uma semana depois das violências sexuais contra os menores, o monitor Luís Carlos Lima suspeitou que os alunos C.A.M.A., E.L.S., A.R.S. e R.M. fumavam maconha no alojamento 3. Lima levou-os para a "monitoria" e surrou-os com um pedaço de pau. R.M. e A.R.S. tiveram que ser atendidos no pronto-socorro, com ferimentos na cabeça e na face. Nas conclusões da sindicância, Cláudio Magalhães considerou o monitor Lima como incurso no artigo 129 do Código Penal (lesões corporais) e acrescentou:

"Há ainda suspeitas, tendo em vista as declarações

contraditórias e as informações oferecidas pelos funcionários e as informações prestadas pelos alunos, de que os monitores Gilson Barbosa Gama e Manoel Luís Batista tentavam impedir a saída das vítimas da sala, quando tentavam escapar ao espancamento." Cláudio Magalhães recomendou que os monitores fossem processados como co-autores do crime de lesões corporais, caso se confirmassem as suspeitas.

De todos os implicados nos episódios de violências sexuais e espancamento contra alunos da Escola João Luís Alves, apenas o monitor Luís Carlos Lima foi demitido, segundo informação do assessor de Comunicação Social da Funabem, Valter Cunto, após consultar, por telefone, o assessor-jurídico José Antônio Flores da Cunha Neto, que se recusou a atender ao repórter. Os demais monitores e inspetores foram "afastados de suas funções". Valter Cunto não soube, no entanto, explicar exatamente o significado da medida administrativa.

Do inquérito policial sobre o assassinato de Cláudio Magalhães consta ofício do delegado Petrônio Romano ao presidente da Funabem, Saul Nicolaiewski, pedindo cópias da sindicância e do inquérito administrativo. As duas peças não foram, no entanto, anexadas ao inquérito policial. Na Funabem, a informação oficial é de que a documentação pedida foi entregue à Polícia, e que os originais encontram-se na assessoria jurídica, sendo proibida sua divulgação. A "Folha" obteve, semana passada, xerox da íntegra da sindicância.

Para investigar a possibilidade de que alunos da Funabem tenham participado do assassinato de Cláudio Magalhães, a Polícia pediu a relação dos internos que fugiram no período de 9 a 16 de janeiro, véspera do crime. Pela informação da Funabem, verifica-se que 22 menores fugiram. No dia 16 de janeiro, 29 ausentaram-se dos estabelecimentos da Funabem, oficialmente, por motivos diversos.

VISÃO DA FUNABEM

A comissão de sindicância presidida por Cláudio Magalhães foi formada por Cléber dos Santos Lessa, Lygia Ferreira Santa Maria e José Iencarell Filho. Cada um deles opinou sobre a Funabem de acordo com sua respectiva área de situação. Cláudio sugeriu as sanções penais.

No relatório de

"avaliação psiquiátrica", José Iencarell Filho analisa o relacionamento alunos-inspetores, que classifica de "degradada". Essa relação "tende a reforçar a imagem de irrecuperabilidade do aluno de comportamento anti-social e leva a uma exacerbação da repressão educacional, que tem por objetivo manter o distanciamento do relacionamento".

Em "avaliação psicológica", Maria de Lurdes R. Coelho recomenda que o menor seja encarado "de maneira objetiva e racional" e destaca a necessidade de "trabalhar o problema utilizando-se recursos técnicos pautados

em modelos técnicos". Em relação à direção da escola, afirma que "há toda uma dificuldade de posicionamento frente a seus subordinados, ora utilizando discurso pedagógico, ora policial". Maria de Lurdes destaca que na relação aluno-inspetores, há uma alternância entre proteção e agressão. E acrescenta: "Tal ambivalência, associada à sobrecarga horária, à indefinição do papel do monitor (educador ou policial) e ao despreparo do mesmo para o exercício de suas funções desencadeiam nestes funcionários um estado de tensão e emocionalidade desaconselhável para o bom andamento do trabalho".

Cléber Lessa, assessor da presidência, afirma em seu relatório que os seguidos incidentes na Escola João Luís Alves são "problemas de administração" e acusa a direção da escola de não ter objetivos definidos.

A comissão de sindicância define, em relatório global, como insatisfatório o sistema educacional da Escola João Luís Alves e critica a carga horária de trabalho dos inspetores e monitores e sua falta de preparo profissional. A comissão destaca: "Incompetência para o trabalho, dentro das suas atuais funções, dos monitores Gilson Barbosa Gama, Manoel Batista e Paulo Roberto Verônico, e do chefe de disciplina, Werner Rohn, respectivamente pelas ações agressivas dos primeiros e pelo aumento do clima de violência na Escola João Luís Alves com o reingresso do último". A comissão sugeriu a substituição de Gama, Batista e Verônico das funções de monitores e o encaminhamento de seus nomes ao Juizado de Menores, para que respondessem a processo. Recomendou, também, a destituição de Werner Rohn do cargo de chefe de disciplina.

Marisa Schlesinger, que integrou a comissão de inquérito administrativo, disse em depoimento na Polícia que o grupo não decidiu que punições aplicar, porque ela, Cláudio Magalhães e Cândido Leonardo Campos Maia não chegaram a se reunir para traçar as conclusões. Antes desse encontro, Cláudio Magalhães, que presidiu a comissão, foi assassinado.

Na Delegacia de Homicídios, os policiais têm outra preocupação além de investigar a morte de Cláudio Magalhães: querem saber que tipo de tráfico de influência tem garantido a impunidade de inspetores e monitores da Funabem.

Centro Pastoral de Apoio à Família

Com resposta às indicações de Puebla em relação aos problemas da família, um Centro de Pastoral Familiar, o primeiro no Brasil, será inaugurado dia 30, em São Paulo.

Sob a supervisão episcopal de D. Francisco Vieira, Bispo-auxiliar da Região de Osasco e responsável pela Pastoral da Família, e coordenador-geral da Irmã Maria José Torres, SSD, o CENPAFAM terá como objetivo procurar caminhos para que os casais e famílias, não só de São Paulo, mas também de outras arquidioceses, "possam progredir na sua vocação ao amor, na formação de pessoas, na educação, na fé e contribuir para um desenvolvimento responsável".

A idéia de se criar um organismo de auxílio às famílias remonta de 1979. Irmã Maria José Torres, médica, membro do Conselho Geral da Congregação das Dorotéias e então residente na Itália há 6 anos, foi convidada por D. Ivo Lorscheiter, Presidente da CNBB na época, a colaborar no campo da paternidade responsável, que se exerce na Igreja principalmente através do planejamento natural da família.

"Durante os anos em que estive na Itália, tive a possibilidade de aprofundar os métodos de Planejamento Natural Familiar (PNF) através dos contatos com os — consultórios-família — da Universidade Católica de Roma e inclusive com o próprio casal Billings e outros especialistas internacionais no assunto. Em outubro do mesmo ano, me transferi para Brasília para que pudesse exercer melhor a condição de assessora da CNBB no campo da Pastoral da Família".

Foi nessa ocasião então, conta Irmã Torres, que a idéia do Centro começou a ser ventilada com o presidente e, principalmente com o secretário executivo, D. Luciano Mendes



de Almeida. Várias dificuldades práticas impossibilitaram a criação do Centro em Brasília, e São Paulo foi, portanto, escolhido por dispor de maiores condições, recursos humanos e materiais.

Padre Guilherme Gibbons, assessor eclesial da arquidiocese e secretário-geral do Centro, esclarece que 3 setores prioritários serão os primeiros a ser acionados: a Paternidade responsável — pretende montar uma equipe de especialistas na matéria que promoverão cursos, seminários e conferências sobre

o PNF. Oferecer subsídios para a organização de Centros Paroquiais de ajuda à família, a atuação em escolas, hospitais, obras e nos meios de comunicação de massa.

- Movimento em defesa da vida;
- Educação afetiva e sexual dos jovens;
- Preparação para a vida conjugal familiar.

PRETENDE SER AMPLO

Padre Guilherme acredita que o Centro despertará interesse nos jovens e noivos, que desejam preparar-se para o matrimônio com um senso de responsabilidade, casais que precisam de ajuda em seus problemas conjugais ou que são ativos à educação dos filhos, e ainda, a pessoas que desejam se atualizar sobre a problemática familiar numa perspectiva de vida e/ou dedicar-se ao serviço da família, valorizando os valores e convicções de cada um.

Como profunda conhecedora da prática familiar, inclusive representando o Brasil no último Sinodo realizado em Roma, em 1983, foram discutidos os "Problemas da Família no Mundo Contemporâneo", Irmã Torres afirma que o Centro da Pastoral Familiar vem, portanto, ponderar às aspirações de casais e jovens, oferecendo perspectivas de uma vida familiar bem entendida à luz das perspectivas da Igreja, e também uma ajuda a aqueles casais ou famílias não bem constituídos ou incompletos. "Que todos possam encontrar um estímulo, uma ajuda real, apoio e recursos para os seus problemas e dificuldades".

A Sede Nacional, instalada na Paróquia Nossa Senhora Mãe da Igreja, em Franca, no 889, no Edifício Paiol Grande, pretende convergir o interesse de todas as dioceses para essa "Sede de animação e formação" que é o CENPAFAM, que por isso mesmo será responsável pela divulgação do trabalho à família em todo o Brasil, numa fidelidade genuína ao pensamento da Igreja.

(Maria José Saraceni)